

Sociedade das Ciências Antigas

Louis Claude de
Saint Martin
e o Martinismo

Robert Amadou



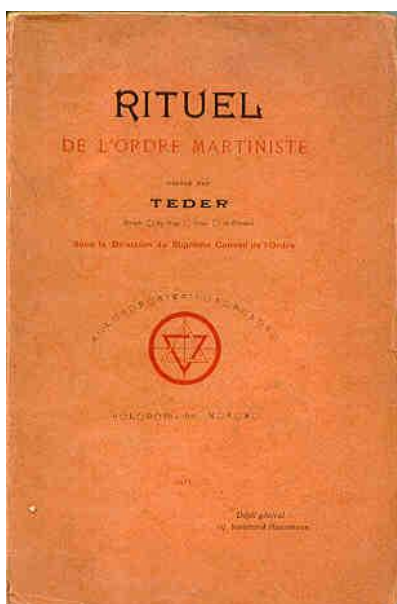
Sociedade das Ciências Antigas

**LOUIS CLAUDE DE SAINT MARTIN
E O MARTINISMO**

POR

Robert Amadou

**INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA VIDA, DA ORDEM E DA DOCTRINA
DO FILÓSOFO DESCONHECIDO**



TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS:

"LOUIS CLAUDE DE SAINT-MARTIN ET LE MARTINISME"

PARIS - 1946

EDITADO POR EDIÇÕES DO GRIFFON D'OR

LOUIS CLAUDE DE SAINT MARTIN E O MARTINISMO

POR

Robert Amadou

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA VIDA, DA ORDEM E DA DOCTRINA DO FILÓSOFO DESCONHECIDO

Ao Senhor Henri Charles Dupont, atual depositário desta Ordem Universal, da qual Saint-Martin revelou a amplidão filosófica sem dela comunicar a completa Iniciação. Estas páginas lhe são dedicadas com mui respeitosa homenagem.

Robert Amadou

ADVERTÊNCIA

Seguidamente confundem-se sob a denominação de Martinistas, os discípulos de Martinez de Pasqually e os de Louis Claude de Saint-Martin. Se bem que as teorias sejam as mesmas, uma diferença profunda separa as duas escolas. A de Martinez, restringiu-se ao plano da Maçonaria Superior, enquanto que a de Saint-Martin estendeu-se aos profanos; a segunda, ainda, recusou-se às práticas e às cerimônias às quais a primeira dava uma importância muito acentuada. É exclusivamente no sentido da doutrina e dos discípulos de Saint-Martin que, as palavras Martinismo e Martinistas, serão empregadas no transcorrer das páginas que se seguem. Assim se fala do Spinozismo de Spinoza, do Bergsonismo de Bergson.

Em particular, a expressão “Ordem Martinista”, que será lida uma ou duas vezes, não implica nenhuma referência à Ordem dos Elus-Cohen, fundada por Martinez e que se perpetua até os nossos dias; ela se aplica ao “Círculo Íntimo” dos Amigos de Saint-Martin. Chamará atenção do leitor o grande número de citações de Saint-Martin apresentadas nesta obra. Talvez elas o surpreendam. Entretanto, acreditamos que não nos devemos desculpar por isso. Nosso único desejo é dar do Martinismo a idéia menos infiel possível. Pareceu-nos que os textos se impunham, cada vez que uma paráfrase tentava trair o pensamento do Filósofo Desconhecido.

Algumas vezes, foi-nos necessário interpretar, deduzir certas conseqüências dos princípios estabelecidos. Disto não nos desculparemos mais, tentaremos justificar tal medida. A nossa idéia diretriz, aquela doutrina viva, responde ao pensamento do filósofo. Mas o trabalho de desenvolvimento que se nos impõe, terá sido sempre conduzido no sentido em que Saint-Martin o teria levado? Disto não podemos nos vangloriar. Para alcançar semelhante objetivo, teria sido necessário o próprio Ph.: Desc.:, ou, pelo menos algum iniciado adiantado, algum “homem de desejo” mais evoluído. E é por esta traição involuntária, cuja multiplicação dos fragmentos de Saint-Martin nos pareceu limitar a importância que nós devemos, em definitivo, pedir perdão ao leitor.

No curso do presente trabalho, as obras de Saint-Martin são citadas da seguinte maneira:

“*Erreurs*” designa os Erros e a Verdade (Des Erreurs et de la Verité) refere-se à edição de Edimbourg 1782, 2 volumes, indicando o tomo e a página.

“*Le Tableau Naturel*”, é citado segundo a reedição da “Biblioteca da Ordem Martinista”, Paris, Chamuel, 1900.

“*Le Cimetière d’Amboise*” e as “*Stances sur l’origine et la destination de l’homme*”, são citadas segundo a reedição da “Petite collection d’auteurs mystiques”, Paris, Chacornar 1913.

Para os outros escritos de Saint-Martin, utilizamos, salvo indicações contrárias, o texto e a paginação da primeira edição.

Enfim, lembramos uma vez por todas que, as indicações complementares sobre as outras de que citamos na Biblioteca de M. Chateaurhin ou no suplemento bibliográfico, estão no final do presente estudo, na página 67.

O QUE É O MARTINISMO

“É preciso que um homem esteja oculto, escreveu Dostoiewsky, para que se possa amá-lo. Desde que mostre o seu rosto, o amor desaparece”. (1)

Não é certamente a Louis Claude de Saint-Martin, o “Filósofo Desconhecido”, que estas palavras podem ser aplicadas. Ignorado, sem dúvida, do grande público, Saint-Martin nunca enganou aqueles que se inclinaram sobre a sua tão curiosa personalidade e se aprofundaram na sua doutrina espiritual. Mestre da vida espiritual, assim se apresenta aquele que as histórias da Filosofia rejeitam, às vezes, em notas de rodapé. É porque sua obra se endereça aos homens de boa vontade, que em nossos dias como em todos os tempos procuram a verdade e a salvação, este modesto trabalho foi projetado. Poder-se-ia, se não tivéssemos temor de ver superestimada sua importância, intitulá-lo: Iniciação ao Martinismo. Tal foi, exatamente, a razão destas linhas. E, como nossa intenção era de apresentar uma introdução ao estudo e à prática de uma doutrina, tentamos explicar a tarefa que se nos apresenta. Assim compreenderemos melhor e mais rapidamente, o que se pode entender por “*Martinismo*”.

Tratou-se, em síntese, de apresentar um esboço do pensamento do Ph... Desc... . Porém, mais que aos amadores de reconstituições históricas, ou aos curiosos de debates metafísicos, era preciso dirigir-se àqueles para os quais o Martinismo é um fermento de vida espiritual, e, Saint-Martin, um Guia Fraternal, um Mestre e um Amigo. Fixar para os “homens de desejo e de boa vontade”, os próprios ensinamentos dos quais eles se alimentam ou fazê-los conhecer aqueles que se saciarão dos mesmos; oferecer um quadro vivo de uma doutrina viva: tal deve ser e tal foi nossa constante preocupação ao redigir este trabalho. Não se encontrará aqui, propriamente falando, a exposição didática da *filosofia* de Saint-Martin. O Teósofo de Amboise pode, certamente, reivindicar um honrado lugar entre os *filósofos*. Poderá ser, sobre este particular, objeto de um trabalho detalhado.(2)

) Sua obra suporta a prova de um exame minucioso. Determinar precisamente as influências que exerceram sobre Saint-Martin, seguindo os efeitos através de suas diferentes obras. Reconhecer em determinada página do *Tableau Naturel*, uma reminiscência platônica, ou, em tal parágrafo do *Ecco Homo*, a lembrança de uma conversação com Madame de Boecklin; situar enfim, após haver dissecado, o sistema que elaborou no século XVIII, um pensador denominado Louis Claude de Saint-Martin, são tantas tarefas úteis, apaixonantes mesmo é próprias para dar um novo brilho à figura do Mestre. Mas não queremos reconstituir um esqueleto, nem queremos erguer uma estátua de pedra. As condições já enunciadas e nas quais este livro foi elaborado, nos justificarão, sem dúvida, de ter abandonado todo aparato de erudição. Somente figurarão as indicações necessárias para compreender a doutrina definitiva, porque existe um aspecto *perfeito* no pensamento

¹ - Les Frères Karamazov. Tradução Mongault (Edição Gallimard N.R.F.) Tomo II, pg. 250.

² - GALÉHAUT: Cadernos da Fraternidade Polar, 9 de abril de 1933, pág. 22.

Martinista. Está além das palavras, aquele que o entrevê; permite perceber a coerência e o fundamento das aplicações que deles se tiram. *O que se chama Martinismo é, ao mesmo tempo, uma sociedade de homens continuando os estudos místicos do Mestre e, um sistema filosófico e metafísico que alguns denominam uma teologia. Mas é também um método que permite reconhecer, à luz deste próprio ensinamento, o que em todos os domínios é especialmente tradicional e iniciático.* (3) Se é uma especulação abstrata, o martinismo é logo uma vivência, um estado de espírito, um espírito. É um conhecimento superficial, uma luz que dá a sua cor aos objetos que envolve, e, que, misturando sua nuance aqueles que lhes é próprio, funde-os sem os confundir, numa doce harmonia. Pudessem estas páginas, escritas com simpatia e respeito, incitar aqueles que se uniram numa admiração comum por Saint-Martin, a partir da leitura, para encontrar o espírito. Talvez o maior dos *filósofos da Unidade* perseguisse, sem cessar, um esforço de síntese. *“É um excelente casamento para fazer, disse este, da nossa primeira escola com o nosso amigo Böehme. É para isso que eu trabalho”.*(4) Nesta inspiração consiste o verdadeiro ensinamento do Teósofo. Aí encontra-se expressa a grande idéia que norteou toda a sua vida. E não é mostrar-se um fiel discípulo de Saint-Martin o buscar nos seus livros a idéia que os ditou? *“Os livros que fiz, ele mesmo declarou, só tiveram por meta convencer os leitores a abandonar todos os livros sem respeitar os meus”.* (5) A própria Bíblia, o livro dos livros, não é suficiente para fundamentar uma verdade. *“Por mais avantajadas que sejam as descobertas que se possa fazer nos livros hebreus, elas não devem ser empregadas como provas demonstrativas das verdades que dizem respeito à natureza dos homens e sua correspondência com o seu Princípio, porque estas verdades subsistem por si mesmas; o testemunho dos livros não deve jamais servir senão como confirmação”.* (6)

Por isso, convidamos todos os homens, nossos irmãos, a recolher, independentemente das fórmulas e das demonstrações, a exaltação mística do Teósofo, e restabelecer o cânon, segundo o qual ele julgava o homem e o Universo, e acima de todas as coisas, a reencontrar a espontaneidade do impulso que o levava a Deus.

Tal é o convite que este pequeno livro pode lançar. O objetivo do autor será plenamente alcançado, se graças a ele, só uma *minoria* compreender o apelo dos Mestres Passados, e reconhecer o verdadeiro Caminho da Reintegração; a Rota Interior que lhe traçou o Ph.: Desc.: , pela voz grave e amável de Louis Claude de Saint-Martin.

CAPÍTULO I

LOUIS CLAUDE DE SAINT-MARTIN E O MARTINISMO

ALGUNS DADOS HISTÓRICOS

Uma nova exposição da vida de Saint-Martin, para apresentar algum interesse, deverá apoiar-se em documentos inéditos, elucidar certas dificuldades históricas que ainda oferece a existência do Ph.: Desc.:. Mas esta delimitação precisa no tempo e no espaço da personalidade de Saint-Martin, não é, já se sabe, a finalidade desta obra. Parece inútil apresentar, sob uma forma diferente, a bibliografia de Saint-Martin, tal como foi escrita por vários autores. É deles que nos socorremos e, em particular, aos estudos de Matter e de Papus, assim como os livros de Moreau, de Caro e as

³ - Conforme o estudo de Franck, onde a teoria Martinista da linguagem e dos símbolos é exposta como o seria a de Condillac ou de Darwin.

⁴ - Carta a Kirchberger, 11 de julho de 1796, Matter, pg. 272.

⁵ - Porter, nº 45.

⁶ - Tableau Naturel, XIII, edição 1900, pag. 169 e 170.

diversas notas das enciclopédias e dos jornais. ⁽⁷⁾ Entretanto, para bem captar a doutrina Martinista, talvez seja útil possuir os elementos essenciais de sua formação. Também daremos um sumário dos homens e dos livros cujo contato influenciou Saint-Martin. Mas, antes, recapitularemos em um simples quadro, as grandes épocas da vida do Teósofo de Amboise, as datas essenciais sobre sua passagem pela terra, a menos que, para qualquer outro, parece que o destino e o pensamento de um *homem de desejo*, como o foi Saint-Martin, devem ter sofrido a influência de circunstâncias exteriores. Foi sublinhado o curioso contraste que existe entre as preocupações místicas das quais testemunhou a correspondência com Kirchberger e os trágicos episódios, que agitaram, ao mesmo tempo, a França no terror. Entretanto, está fora de dúvida que a Revolução Francesa e a corrente de idéias que a aureolou, ficaram longe de deixar indiferente o autor de *l'Eclair sur l'association humaine*. Sua atitude a respeito da Franco-Maçonaria, explica-se sem dúvida, por uma evolução pessoal, mas também, pela degenerescência da própria Maçonaria. E como compreender o sistema Martinista sem levar em conta as relações com Martinez e a viagem a Strasbourg?

Creemos, pois, mantermo-nos fiel ao nosso assunto, que é o estudo do Martinismo, lembrando, sucintamente, seus fundamentos históricos; por um lado, a pessoa de Saint-Martin, por outro, a sociedade que se apregoa, criada diretamente por ele.

QUADRO CRONOLÓGICO DA VIDA E OS ESCRITOS DE LOUIS CLAUDE DE SAINT-MARTIN				
(Com os principais sincronismos literários, políticos e Martinistas)				
ANO	VIDA DE SAINT-MARTIN	SINCRONISMOS MARTINISTAS	SINCRONISMOS LITERÁRIOS	SINCRONISMOS POLÍTICOS
1730		Lyon. Nascimento de Willermoz.		
1741				Guerra da Sucessão na Áustria.
1743	18 de Janeiro. Nascimento de Saint-Martin, em Amboise.			
1748			Montesquieu: "O Espírito das Leis".	
1750			Rousseau: "Discurso sobre as Ciências e as Artes". Palissot: "Os Filósofos".	
1754		Martinez de Pasqually funda em Montpellier os "Juizes Escoceses". Viagens na França. Formação e Iniciados.		
1758			Helvetius: "Do Espírito".	
1760		Revês em Toulouse. Em Foix, Pasqually inicia Grainville e funda um Templo.		
1761		M. de Pasqually em Borde-	Rousseau: Do	

⁷ - Por exemplo, a breve nota necrológica do jornal dos Debates de 14 Brumaire, Ano XII; a notícia de Tourlet no Monitor, reproduzida nas Obras Póstumas de Saint-Martin, Paris, 1787, tomo I pg. XXIV, e impresso a parte, no mesmo ano, sob o seguinte título: "Notícia histórica sobre as principais obras do Filósofo Desconhecido e sobre seu autor, Louis Claude de Saint-Martin, Paris, s.d.".

		aux afilia-se à Loja “La Française” que ele procura renovar.	Contrato Social”.	
1762			Rousseau: “L’Emile”.	
1764	“La Française” se associa a um Capítulo Cohen “La Française Elu Ecosaise”.		Voltaire: Dicionário Filosófico.	
1765	Carta Patente de Oficial do Regimento de Foix.			
1766		Suspensão do Capítulo Cohen. M. de Pasqually em Paris. Instrui Bacon de la Chevalerie, Lusignan Grainville, du Guers, Willermoz. Iniciação de Willermoz.		
1767		21 de Março, Equinócio da Primavera. Constituição de um Capítulo Cohen e do Tribunal Soberano, Bacon de la Chevalerie, substituto Universal. Abril; M. de Pasqually em Bordeaux, após Amboise Blois, Tours, Poitiers. Casamento de Pasqually. Ocupações de Guers.		
1768	Agosto, Setembro. Saint-Martin é iniciado Elu Cohen por Grainville e Balzac. Saint-Martin reencontra Martinez.	13 de Março, Willermoz é ordenado Rose-Croix. Ele en-contra Saint-Martin pela primeira vez. 20 de Junho, nascimento do filho de Pasqually. Negócios em Guers.	Boulanger: l’Antiquité dévoilée.	
1770			D’Holbach: “Sistema da Natureza”.	
1771	Saint-Martin abandona as armas para melhor seguir a espiritualidade.	Saint-Martin, secretário de Pasqually em Bordeaux. “Tratado da Reintegração dos Seres Criados”.		
1772	Primavera: Saint-Martin obtém “Passes” no transcurso da Operação do Equinócio. 17 de Abril: é ordenado Rose-Croix.	Equinócio da Primavera: Willermoz fracassa novamente. Sucesso de Saint-Martin e Deserre. 17 de Abril: ordenação Rose-Croix de Saint-Martin e Deserre. 5 de Maio: Pasqually embarca para São Domingos.	Termina a publicação da Enciclopédia.	
1773	Setembro: Saint-Martin			

	em Lyon, junto com Willer-moz.			
1774	Outubro: viagem a Itália com o médico Jacques Willermoz.	20 de Setembro: morte de Pasqually em São Domingos. Caignet, Grande Soberano.		Morte de Louis XV. Posse de Louis XVI.
1775	“Dos Erros e da Verdade”. Abril: Saint Martin em Paris.			
1776	9 de junho: Saint-Martin encontra-se com o abade Fournié em Bordeaux. 12 de julho: Saint-Martin parte para Toulouse.		Voltaire: A Bíblia Explicada. 4 de Agosto: nascimento de Ballanche.	
1777	Início: Saint-Martin em Paris.			
1778		25 de Novembro, Convento de Gaules em Lyon. J. de Maistre, Gran Professor por Willermoz.	30 de Maio: morte de Voltaire. 3 de Julho: morte de Rousseau.	Guerra na América.
1779		19 de Dezembro: morte de Gainet de Lesterre. S. de Las Casas, Gran Soberano.		
1780		Novembro: Las Casas aconselha a dissolução dos Cohen e a guarda dos arquivos aos Filaletes.		
1782	“Quadro Natural das Relações que existem entre Deus, o Homem e o Universo”.	16 de julho: Convento de Wilhemsbad.	Rosseaux: “Confissões”.	
1783	Mémoire à l’Académie de Berlim.			
1784	Janeiro: Saint-Martin presta juramento à Sociedade de Mesmer. Recusa-se a participar no Convento dos Filaletes.	20 de Outubro: Cagliostro em Lyon.		
1785	30 de junho. Partida para Lyon com sua Bíblia Hebraica.	24 de Agosto: embastilhamento de Cagliostro (processo de Collier). Primavera: Manifestação do “Agente Inconnu” em Lyon.		
1786	12 de Janeiro: retorno a Paris com Zimovief.			
1787	10 de Janeiro: Chegada a Londres com Galitgin. Reencontro de Law e de Divonne. Setembro: partindo para a Itália com Galitgin, se de-			

	tém em Lyon.			
1788	Fevereiro: retorno da Itália, permanece em Lyon. Abril: em Paris (Amboise, Montbéliard). 6 de Junho: Strasbourg. Reencontros: Turkheim, Madame de Boeklin e Salzmann lhe revelam Boheme.		Swedenborg: Resumo em Francês de suas obras.	
1789				5 de Maio: Estados Gerais em Versalhes.
1790	“O Homem de Desejo”. 4 de Julho: manda riscar seu nome dos registros maçônicos desde 1785.		Goethe: Fausto - 1ª parte.	
1791	Julho: deixa Strasbourg por Amboise. Em Paris reencontra a duquesa de Bourbon.		Volney: Les Ruines.	20/22. Fuga do Rei Varennes. 1º de Outubro: Legislativo.
1792	“Ecco Homo”. “O Novo Homem”, escrito em Strasbourg, 28 de maio: 1ª carta de Liebisdorf a Saint-Martin.			
1793	Janeiro: morte do pai de Saint-Martin. Abril: chamado à presença das autoridades revolucionárias de Amboise. Agosto-Outubro: curta estada junto à duquesa de Bourbon em Petit-Bourg. Outubro: Amboise. Lê Böehme e Law.		Gleichen: “Ensaaios Teosóficos”.	21 de Setembro: Proclamação da República.
1794	Saint-Martin em Paris retorna a Amboise. Fim do ano: é chamado à Escola Normal.		20 de Julho: morte de Nadré-Marie Chénier.	21 de Janeiro: morte de Luis XVI. 2 de Junho: o Terror. 16 de Outubro: morte de Maria Antonieta.
1795	27 de Fevereiro: Controvérsia com Garat. Permanece em Paris, corrige l’Eclair e escreve as “Revelações Naturais”.			16 de Abril: um decreto, proíbe aos nobres de deixar Paris. 27 de Julho: queda de Robespierre. Fim do Terror.
1796	Memórias à Academia so-			27 de Outubro:

	bre os “Signes de la Pensée”. “Lettre à un ami”, ou “Considérations Philosophiques et religieuses sur la Révolution Française”. Maio, em Amboise.			O Diretório.
1797	Junho: curta estada em Petit- Bourg em Champlâtreaux. Julho/Setembro: Amboise. Eclair sur l’association humaine. Réflexions d’un observateur sur la question proposée par l’Institut, quelles sont les institutions les plus propes à fonder la morale d’un peuple. En Sonbreuil en-contro com Gassicourt.		Chateaubriand: “Ensaaios sobre a Revolução”.	
1798	“O Crocodilo” ou “A Guerra do Bem e do Mal”, escrito sobre o reinado de Louis XV. Condenação do livro: “Dos Erros e da Verdade” pela Inquisição da Espanha.			
1799	“De l’influence des Signes sur la pensée”, primeiramente no “Crocodilo”.		Nascimento de Balzac.	9 de Novembro: Bonaparte substitui os Diretores.
1800	“O Espírito das Coisas”. Tradução da “Aurora Nacente” de Jacob Boehme.			
1801	O Cemitério d’Amboise.		Ballanche: “Du Sentiment”.	Constituição do ano VIII. Bonaparte: 1º Cônsul.
1802	“O Ministério do Homem Espírito”. Tradução: “Dos Três Princípios da Essência Divina”, de Jacob Boehme.		Chateaubriand: Gênio do Cristianismo.	
1803	Termina a tradução “Das 40 Questões sobre a alma” e “Da Tríplice Via do Homem” de Böehme. Entrevista com Chateaubriand no “la Valle aux Loups” (Janeiro). 13 de Outubro: em Aulnay na Casa de Le noir-Laroche, morte de			

	Saint-Martin.			
1804				18 de Maio: Bonaparte im- perador
1806		No Grande Convento dos Ritos do Grande Oriente, Bacon de La Chevalerie re-presenta os Elus Cohen.		
1807	“Obras Póstumas” - “40 Questões sobre a Alma” - “Da Tríplice Via do Ho- mem”.			
1812			7 de Outubro: morte de Salz- mann.	
1821			Joseph de Ma- istre: Soirées de Saint-Pe- tersbourg.	
1824		Lyon, 29 de Maio: morte de Willermoz.		
1843	“Os Números”, Litografia de Chauvin.			
1862	“Correspondências inéditas com o Barão de Liebisdorf.			

CAPÍTULO II

LOUIS CLAUDE DE SAINT-MARTIN E SEUS MESTRES

“Se eu não tivesse encontrado Deus,
jamais meu espírito teria podido fixar-se
em algo sobre a terra”.

(Portrait n° 290, pág. 37)

Se bem que o Martinismo possa definir-se como sendo a doutrina conforme o espírito e não somente à letra de Saint-Martin, a personalidade e a obra do Filósofo Desconhecido, permaneceu, entretanto, como base desse ensinamento. Depois de tê-lo situado na sua época e em seu país, vejamos que tipo de homem foi Saint-Martin e como se modelou o seu espírito. Ele deixou-nos sobre sua vida e sobre suas afeições, páginas deliciosas e profundas. Melhor que quaisquer comentários, elas saberão delinear seu rosto bondoso num sorriso enigmático. O conhecimento “por simpatia” do Teósofo, permitirá, talvez, perceber melhor sua profunda elasticidade que é, exatamente, a mesma do Martinismo.

Nas primeiras páginas de seu Portrait, entre esses esboços tão delicadamente puros de estilo e de pensamento, o próprio Saint-Martin nos diz que tinha “*pouco de astral*”, e acrescenta: “*A Divindade me recusou um máximo de astral porque queria ser meu móvel, meu elemento e meu termo universal*”(8). Sua alma sensível e meditativa, seu próprio corpo do qual recebeu somente um

⁸ - Portrait n° 24 pág. 5.

“projeto”,⁽⁹⁾ predispunha Saint-Martin a seguir o caminho interior. Ele próprio nô-lo afirma: “*Na minha infância não consegui persuadir-me de que os homens conhecedores das doçuras da razão e do espírito, pudessem ocupar-se, por um momento, das coisas da matéria*”.⁽¹⁰⁾ Acima de tudo Saint-Martin buscava Deus. Teria em si, incessantemente, esta sede do Bem, do Belo, do Verdadeiro que só Deus pode saciar. “*Todos os homens podem ser-me úteis*, escreveria um dia, *mas nenhum deles poderia jamais, satisfazer-me: Deus me basta*”.⁽¹¹⁾ A estes pendores naturais, juntaram-se, para os acentuar, a primeira educação e as primeiras leituras. Uma madrasta, inteligente e piedosa, substituiu junto a Louis Claude, a mãe desaparecida muito cedo. Seu filho adotivo, que ela concebeu segundo o espírito, dela falou, nestes termos gratos e ternos: “*Eu tenho uma madrasta a quem devo, talvez, toda a minha felicidade, pois foi ela quem me deu os primeiros elementos de uma educação doce, atenta e piedosa que me fez amar Deus e os homens*”.⁽¹²⁾ A influência desta mulher sobre Saint-Martin, foi considerável. A religião íntima que lhe ensinou, permaneceu sempre gravada no coração do Filósofo Desconhecido. O exemplo e as palavras da primeira mulher que influenciou a vida de Saint-Martin, juntou-se à escolha das leituras. Foi graças a ela, sem dúvida, que Saint-Martin pode ler Abbadie. As obras de Jacques Abbadie, “ministro” protestante de Genebra, iluminaram as longas horas do Colégio de Pontlevoi. Elas se endereçavam ao homem, não somente ao intelecto - correspondia assim às aspirações do jovem Louis Claude. A arte de conhecer-se a si mesmo, reforçou em Saint-Martin, o gosto pelo estudo de si próprio, não da análise, decepcionante e estéril, mas da reflexão fecunda da marcha do caminho do Coração. Pela feliz inclinação que ajudou a despertar em sua alma, Abbadie bem merece ser chamado o “iniciador” de Saint-Martin.⁽¹³⁾ Também Pascal exerceu uma influência precoce sobre o Filósofo Desconhecido e, veremos que ele acentuou sua concordância moral e metafísica.

Deste modo, se constitui e frutifica em Saint-Martin, o tesouro da verdade que permanecerá sempre com ele e cujo valor, jamais deixará de conhecer. “*Quando tinha 18 anos, disse-me, no meio das confissões filosóficas que os livros me ofereciam: existe um Deus, eu tenho uma alma, não é necessário mais nada para ser sábio e, foi sobre essa base que se ergueu todo o meu edifício*”.⁽¹⁴⁾ Dir-se-á que o vigário Saboiano não falará de outro modo. Entretanto, nada seria mais falso que ver nesta frase a profissão de fé de um deísta.

“*Dou mais valor a um idólatra do que a um deísta, diz ainda Saint-Martin, porque este abjura e proscree toda comunicação entre Deus e o homem, enquanto o outro, apenas se engana sobre o órgão e a maneira da comunicação*”.⁽¹⁵⁾

Nessa época, conformando-se com a vontade paterna que o destinou à magistratura, estudou direito. Foi assim que tomou contato com o meio filosófico e literário da época. Este contato não se fez sem lhe deixar alguns traços. Leu os autores da moda que, segundo Matter⁽¹⁶⁾ foram: Voltaire, Rousseau, Montesquieu, todos escritores pouco místicos. Entretanto, Saint-Martin tinha a capacidade de pensar por si mesmo. Sobretudo a Providência velava sobre ele, por meio da Proteção ele reivindicava freqüentemente, cuja Presença e cuja Virtude celebrava. Saint-Martin conheceu o Erro, mas sem aderir a ele. Não cedeu à sedução da “Encyclopédie” nem ao encanto irônico do “Dictionnaire Philosophique”. Podia, sem remorso, lembrar-se dos tempos de sua juventude.

⁹ - Portrait n° 5 pág. 3.

¹⁰ - Portrait n° 1085 pág. 127, 128

¹¹ - Portrait n° 2 pág. 2

¹² - Portrait n° 111 pág. 15

¹³ - Stanislas de Guaita.

¹⁴ - Portrait n° 28 pág. 5.

¹⁵ - Portrait n° 631, pág. 80. Saint-Martin, talvez responda a Bayle, que sustenta que o ateísmo é preferível à idolatria. Conforme pensamentos diversos escritos por um doutor em Sorbonne, por ocasião de um cometa que apareceu no mês de dezembro de 1680. Montesquieu refuta esta opinião em nome de seus princípios políticos. De l'Esprit des Lois. L.XXIV. Ch.II.

¹⁶ - Saint-Martin, le Philosophe Inconnu, pág. 3.

Transpõe a corrupção sem sofrer seus golpes mortais. *“Li, vi e escutei os filósofos da matéria e os doutores que devastam o mundo com suas instruções; nenhuma gota de seus venenos penetrou-me; nem mesmo as mordidas de uma só destas serpentes me prejudicaram”*.⁽¹⁷⁾

Certamente, Saint-Martin não compartilhava as idéias de Helvetius e de Condillac; permanecera sempre adversário irreconciliável deles. Assim, ele apreendeu a conhecer seus inimigos, os “Filósofos”. Sua familiaridade, mesmo enquanto não foi mais que um livresco, transparecia em seu propósito. O julgamento que fizeram deles traiu, talvez, uma certa indulgência e, encerrou, em todo caso, uma justa compreensão de sua doutrina. *“Se fosse possível dar-mos conta dos primeiros passos que esta filosofia tinha feito..., talvez fosse preciso agradecer à inteligência humana por ter adquirido as altas verdades das trevas onde os instituidores as haviam reunido”*.⁽¹⁸⁾ Saint-Martin, não condena, de modo algum, à razão; ao contrário, ele a exalta e o veremos atribuir-lhe a tarefa de conquistar a verdade. Mas ela deve admitir os seus limites e reconhecer aquilo que a ultrapassa.

Essa preocupação de um lugar certo para cada coisa, essa distinção de planos, são constantes em Saint-Martin. Elas iluminarão sua vida e suas opiniões. Veremos o Teósofo julgar Voltaire. Admitir-lhe o talento, a virtude intelectual, como também as fraquezas. Talvez seja mais difícil não se admirar Voltaire do que estimá-lo ou amá-lo, porque a sutileza do espírito não pode substituir o sentido moral. E o cuidado desse senso moral, dominou em Saint-Martin, uma vez que ele tocou, pelo filósofo, a própria essência do homem capaz de discernir o bem e o mal. Saint-Martin concluiu também de Voltaire: *“Talvez um homem sensato fizesse melhor em recusar totalmente seu espírito, se com isso, fosse obrigado, ao mesmo tempo, a aceitar sua moral”*.⁽¹⁹⁾

No que diz respeito a Rousseau, Saint-Martin tinha com ele muitos pontos em comum, conforme ele os assinala: *“Á leitura das Confissões de Jean-Jacques Rousseau, impressionei-me com a semelhança de meu pensamento com o dele, tanto pelas nossas maneiras tomadas às mulheres como pelas nossas tendências, ao mesmo tempo racionais e infantis, na facilidade com a qual nos julgaram estúpidos no mundo, quando não tínhamos uma liberdade plena em nosso desenvolvimento”*.⁽²⁰⁾ Algumas divergências separam, portanto, os dois autores, acentuadas aliás, pelo próprio Saint-Martin.⁽²¹⁾

É bem certo que jamais concordou com Rousseau quanto à inocência do homem ao nascer, pois tinha sobre o pecado (original), um sentimento profundo. Quanto às idéias políticas do Contrato Social, estas foram equilibradas no espírito do jovem jurista pelo descobrimento de Montesquieu e, sobretudo, no de Burlamaqui: *Sábio Burlamaqui*, exclamará o Teósofo errante na sua obra *Le Cimetière d’Amboise*:

Sábio Burlamaqui, não estás longe destes lugares Que
tu santificaste na aurora de minha vida,
Com fogo sagrado, saindo de tua profunda lida,
Perturbando todo meu corpo com santos estremecimentos,
Da justiça assentou-se-me todos os fundamentos...⁽²²⁾

Tais eram as disposições de Saint-Martin quando se deu um encontro que deveria marcar sua vocação: o encontro com Martinez de Pasqually, seu “primeiro mestre”.

¹⁷ - Portrait n° 618, Oeuvres Posthumes, pág. 78, 79.

¹⁸ - Portrait n° 125, Oeuvres Posthumes, 1, pág. 277, 278 e 279.

¹⁹ - Pensées n° 75, Oeuvres Posthumes, I, pág. 250.

²⁰ - Portrait n° 60, pág. 9.

²¹ - Ibid.

²² - Le Cimetière d’Amboise, pág. 2.

Ele não conheceu de imediato Martinez, mas entrou, primeiramente, na sua irradiação. Esta se manifestou num grupo de discípulos constituídos em corporação, da qual, Martinez era o Grande Soberano: “*A Ordem dos Cavaleiros Maçons Elus Cohen do Universo*”. Depois de “*sorrir por muito tempo de tudo aquilo a que se referia a Ordem*”, (23) Saint-Martin foi iniciado no rito Elu Cohen em 1768.

Os “*três poderosos Mestres*”, Grainville e Balzac, também oficiais do regimento de Foix, procederam à sua recepção no seio da fraternidade. Durante algum tempo, ele foi um partidário zeloso, (24) e no seguinte, em Bordeaux, Saint-Martin apresentou-se a Martinez de Pasqually.

O que poderíamos dizer desta estranha personalidade do “*Taumaturgo*” do século XVIII? Um “*meteco*”, judeu espanhol, supõem-se que alterava o francês nas suas cartas ou no seu Tratado; de caráter irritável e inconstante, conservava, por seu encanto e suas promessas, os descendentes de algumas das grandes famílias da França. O que dizer deste cabalista cujas elucubrações teosóficas encantavam um grupo de jovens mundanos e cultos? O que poderemos dizer, enfim, deste profeta, cujo Verbo tem até o poder de subjugar um negociante Lyonês? Saint-Martin também foi envolvido pelo encanto emanante de Martinez. Sua afeição, nascida durante o dia de seu encontro, jamais deveria terminar. Suas relações com a “Ordem dos Cohen” refletiam uma evolução interior que o afastava das operações teurgicas. Mas Saint-Martin, jamais abandonaria os princípios da Reintegração dos Seres. No fim de sua vida, Saint-Martin prestou homenagem à sua “*primeira escola*”: “*Martinez de Pasqually possuía a chave ativa... mas não acreditava que nos pudesse conduzir a essas altas verdades*”. (25)

Quando discute a respeito da Virgem com Liebisdorf, faz uma nova alusão ao Mestre da sua juventude: “*Quanto à Sofia e ao rei do mundo, ele (Dom Martinez) nada nos revelou... Não queremos dizer com isso que ele nada soubesse do assunto e, estou convencido que, se dispuséssemos de mais tempo, poderíamos ter falado sobre isso*”. (26)

Convertido ao Martinesismo, Saint-Martin integrou-se plenamente. Não somente a doutrina que permanecerá a sua, ao menos em linhas gerais, mas ainda, as realizações mágicas e teúrgicas, receberiam a adesão total do filósofo. Périsse du luc, lembrar-se-á deste período, quando escreverá a Willermoz, após a leitura do Homem de Desejo: “*Vi belas coisas, as mais obscuras e místico - poéticas (sic) que o autor, em outros tempos, detestava enormemente*”. (27) Entretanto, assim como Voltaire ou Diderot, não tinham tornado Saint-Martin incrédulo, a experimentação de Martinez não o fez perder de vista o verdadeiro caminho, que é o interior. Enquanto seu companheiro, o abade Fournié, oscilava entre Swedenborg e Madame Guyon, Saint-Martin soube manter-se no caminho do meio. De vez que os nomes Swedenborg e Madame Guyon acabam de nos aparecer, como os símbolos de dois excessos, releiamos a apreciação que Saint-Martin nos faz deles: “*Nunca vi Madame Guyon*”, declara ele em 1792 e após ter estudado suas obras: “*Apreciei esta leitura, como a fraca inspiração feminina em relação à masculina*”. (28) Quanto a Swedenborg, convém afastar para o domínio das lendas a pretensa formação que ele teria dado a Saint-Martin. O papel do místico sueco foi de pouca monta na carreira do Filósofo Desconhecido. Quando era teurgo - “*a verdadeira meta dos teurgistas é menos a ciência da alma do que a dos espíritos*”. (29)

23 - Carta de J.A. Pont, 7 de setembro de 1929. V. Rijnberk, I, pág. 143.

24 - Ibid.

25 - Correspondência com Kirchberger, 11 de julho de 1796.

26 - Correspondência cf. Matter, pág. 271.

27 - Carta de 23 de março de 1790 a Willermoz (V. Rijnberk I pag. 180).

28 - Correspondência, 25 de agosto de 1792, pág. 29.

29 - Matter, pág. 63

É preciso não esquecer que o livro dos Erros e da Verdade não era, originalmente, destinado ao grande público, mas, somente à seita dos Martinistas. - V. Rijnberk, I pág. 163 (em 1775 não se trata do Martinismo de Saint-Martin). A obra, aliás, foi projetada, amadurecida, discutida e escrita em Lyon junto a Willermoz. (A. Joly: *Un mystique Iyonnais*, pág. 58) e, enfim, que expôs, conferida pela brilhante inteligência de Saint-Martin, a doutrina de Martinez. Portanto, pouca coisa tem para mudar, e estas mudanças, referem-se a meros detalhes por ter a expressão perfeita do pensamento de Saint-Martin.

Saint-Martin censurava Swedenborg de ter “*mais do que se chama a ciência das almas do que a dos espíritos*”. A frase é cruel para o conquistador dos mundos angélicos, o confidente dos bons e dos maus gênios. Ela demonstra que ao menos, Saint-Martin não se deixava impressionar por toda a eloquência, toda a imaginação e todo o esplendor Swedenborgiano: ele teria antes, subscrito o julgamento de V.E. Michelet: “*Swedenborg não era um filósofo, mas um engenheiro de grande mérito*”.⁽³⁰⁾ Mesmo nesta ciência da alma, que iria, mais tarde, revestir-se de grande importância, Saint-Martin apreciava pouco Swedenborg. “*Sobre este aspecto, escreveu ele, ainda que não seja digno de ser comparado a J. Boehme pelos verdadeiros conhecimentos, é possível que convenha a um grande número de pessoas*”.⁽³¹⁾ Isso não é muito lisonjeiro. O Teósofo de Amboise percorreu, portanto, durante algum tempo, o caminho exterior e fecundo.⁽³²⁾ Ele o seguia com êxito e, em poucos anos, colheu os elogios, pelos quais Willermoz esperou onze anos.

Entretanto, Saint-Martin sentia renascer em si os impulsos da infância, o desejo de expansão mística. O cerimonial Cohen lhe pareceu inútil, seus resultados falazes: “*Mestre, disse ele um dia a Martinez, por que são necessários tantas coisas para orar a Deus?*”. Esta tendência tornou-se cada vez mais forte e o entusiasmo. Foi então que aconteceu a revelação que transformou a sua vida: Saint-Martin descobriu Jacob Böehme. Ele mesmo nos relatou sua viagem a Strasbourg e as relações que travou com Rodolphe de Salzman. Este lhe confiará mais tarde, “*a chave de Böehme*”⁽³³⁾ que ele possuía. Mas foi por intermédio de Madame Charlotte de Boecklin que conheceu a obra do iluminado sapateiro alemão, enquanto recebia dela o apoio de uma alma compreensiva. “*Eu tenho no mundo, escreverá em seguida quando se separar, eu tenho no mundo uma amiga como ninguém possui, só com ela minha alma podia expandir-se à vontade e conversar sobre os grandes assuntos que me ocupavam, porque só ela consegue adaptar-se à medida dos meus desejos, e ser-me extremamente útil*”.⁽³⁴⁾

Podemos perceber a ajuda preciosa que proporcionou a Saint-Martin, o amor “*puro como o de Deus*” de seu caríssimo Böehme. Quanto a Jacob Böehme, é impossível descrever em frase melhor do que esta, a descoberta que ele representa para o Teósofo francês: “*Não são minhas obras que me fazem lamentar sobre a negligência daqueles que lêem sem compreender, são aquelas de um homem do qual não sou digno de desatar o cordão do sapato, meu caríssimo Böehme. É preciso que o homem tenha se transformado inteiramente em pedra ou demônio para não tirar proveito deste tesouro enviado ao mundo há 180 anos*”.⁽³⁵⁾

Estas entusiásticas expressões são encontradas nas obras de Saint-Martin. Cada página da correspondência com Kirchberger é um grito de reconhecimento e de louvor à glória de Jacob Böehme.

³⁰ - Les Portes d'Airain, XLIX, pág. 201.

³¹ - Portrait n° 789, pág. 102.

³² - Correspondência, pág. 15.

³³ - Correspondência.

³⁴ - Conforme “Un chevalier de la Rose Naissante”. Notícia histórica sobre o Martinismo.

³⁵ - Portrait n° 334, pág. 42.

Não hesitemos neste capítulo onde deixamos falar Saint-Martin, em rever seu itinerário filosófico, como ele mesmo resumiu: *“É devido à obra de Abbadie intitulada l’Art de se connaitre que devo meu afastamento das coisas mundanas... é a Burlamaqui que devo minha inclinação pelas bases naturais da razão e da justiça dos homens. É a Martinez de Pasqually que devo meu ingresso nas verdades superiores. É a Jacob Böehme que devo os passos mais importantes que dei nos caminhos da verdade”*.⁽³⁶⁾

Daí em diante, Saint-Martin encontrou o caminho interior. Entrada pela senda que entrevia, mas da qual, apenas galgara o limiar. Agora, se dirigia para a Unidade por meio do Caminho do Espírito e do Coração. Descobriu o verdadeiro sentido das tradições Cohen. Conciliando, ao mesmo tempo seus dons congênitos, os ensinamentos de Martinez e Böehme, tão próximos de seu pensamento, Saint-Martin constitui o Martinismo. E essa doutrina filosófica e mística, ele a viveu, não recolhido sobre si mesmo, mas no meio mundano. *“Seduziu a alta sociedade parisiense, escreveu um historiador moderno, através da doçura de seus costumes, a austeridade de sua vida e a gravidade de suas palavras”*.⁽³⁷⁾ Permaneceu no mundo e prosseguiu sua grande aventura espiritual. *“O espírito mundano o aborrece, mas ele ama o mundo e a sociedade”*.⁽³⁸⁾ Segundo as maravilhosas palavras de São Paulo *“Ele está no mundo, como se não estivesse”*.⁽³⁹⁾

A divisa que um inspirado ancião lhe atribui, dirige sua conduta: *“Terrena reliquit”*.⁽⁴⁰⁾

Pela sabedoria que ensina e vive pela própria existência, Saint-Martin tende à Suprema Unidade e só visa a Reintegração Universal. A máscara de sua doçura, de sua graça tímida e de sua benevolência, não consegue dissimular o Mestre. *“O mais elegante dos teósofos modernos”, também é o Filósofo Desconhecido*.⁽⁴¹⁾

Em 1795, um correspondente do professor Körter, que se fizera amigo de Saint-Martin, o descreve assim: *“Ele possui uma iluminação e um conhecimento, de tal maneira superior, que não teriam causado admiração, se não houvessem sido plantados num coração cheio de humildade e amor”*.⁽⁴²⁾

Não está aí realizado em seu venerado Mestre, o Filósofo Desconhecido, todo o ideal do Martinismo?

CAPÍTULO III

EXISTÊNCIA HISTÓRICA DA ORDEM MARTINISTA

“As Iniciações individuais de Saint-Martin,
são, verdadeiramente, uma realidade”.

G. Van Rijnberk:

³⁶ - Portrait n° 418, pág. 58 e 59.

³⁷ - E. Lavisse, Histoire de France depuis les Origines jusqu’à la Revolution, t. IX, pág. 299.

³⁸ - Portrait n° 776, pág. 101.

³⁹ - Conf. Portrait n° 19086 pág. 128. *“Comumente as autoridades escrevem seus livros como se fizessem somente isso, e eu me obrigo a fazer os meus como se não os fizesse”*.

⁴⁰ - *“Em 1787, encontrei um velho chamado Best que tinha o poder de citar a cada um, sem que ele os tivesse jamais conhecido, muito a propósito, passagens da Escritura. Vendo-me começou a dizer: “Ele jogou o mundo atrás de si”*. (Portrait, n° 59, pág. 8)

⁴¹ - J. de Maistre - Les Soirées de Saint-Petersbourg (As noites de São Petersburgo, Ed. Brasileira - N.do T.).

⁴² - Carta de 20 de dezembro de 1794, Van Rijnberk, I pg. 162, sobre a vida espiritual e mundana, totalmente “sui-generis” de Saint-Martin, apreciar-se-á as páginas tão delicadas e encantadoras de Renée de Brimont, na sua narrativa Belle-Rose (Paris, os Cahiers Libres, 1931). É a imagem própria de Saint-Martin que nos restitue maravilhosamente próxima e simpática, uma pura intuição feminina.

“A existência de uma “Ordem Martinista” fundada por Saint-Martin, é negada por todos os autores sérios”. (43) Tal é a conclusão das pesquisas filosóficas efetuadas pelo Sr. Van Rijnberk. Não podemos taxar este autor de parcialidade, pois ele mesmo se declara “*inclinado a admitir*” o fato controverso. Mas, é preciso reconhecer a ausência de todo estudo aprofundado da questão, devido talvez, à falta de suficiente documentação. O Sr. Van Rijnberk, preencheu esta lacuna e encerrou a discussão.

Com efeito, num segundo estudo, o Sr. Van Rijnberk, resume-se assim: “*As iniciações individuais de Saint-Martin, consideradas por muitos como simples lendas, são uma realidade patente*”. (44)

Enviaremos, para todas as discussões de documentos, as críticas de testemunhos, etc., os relatórios do Sr. Van Rijnberk, conduzido segundo o mais sadio método histórico. Indicaremos textos aos quais ele se refere para provar a existência de uma ordem Martinista, de uma ordem de Saint-Martin.

1º) Entre os documentos que poderíamos qualificar de exteriores, encontramos:

1 - Um texto das Memórias do Conde de Gleichen, o qual relata que Saint-Martin tinha estabelecido uma pequena escola em Paris. (45)

2 - Um artigo de Varnhagem von Ense, datado de 1821, onde se lê: “*Ele (Saint-Martin) decidiu ... fundar uma sociedade (comunhão), cuja meta seria a espiritualidade mais pura, e pela qual começou a elaborar à sua maneira, as doutrinas de seu mestre Martinez*”. (46)

3 - Uma carta, cujo autor é desconhecido e que foi endereçada em 20 de dezembro de 1794 ao professor Köster. Nela se fala de “*Saint-Martin e dos membros de seu círculo íntimo*”. (47)

Trata-se, em termos apropriados, de uma “*Sociedade de Saint-Martin*” e de uma filial Strasburgiana desta mesma sociedade.

Anexemos a estes documentos, muitas vezes inexatos nos detalhes, mas, unânimes em afirmar a existência de uma sociedade de Saint-Martin, a sucinta nota necrológica do Journal des Débats. Está assim redigida: “*Paris 13 Brumário... o Sr. de Saint-Martin, fundador na Alemanha de uma seita religiosa conhecida com o nome de Martinista, acaba de falecer em Aulnay próximo a Paris, na casa do senador Lenoir Laroche. Ele adquirira alguma notoriedade por suas exóticas opiniões, sua dedicação aos devaneios dos iluminados e seu livro ininteligível “Dos Erros e da Verdade”*”. (48) Notar-se-á que se menciona uma seita religiosa e não maçônica. A Sociedade a qual o redator do Journal des Débats atribui a formação do Filósofo Desconhecido, não tem, pois, nada em comum com o pretenso rito maçônico de Saint-Martin. (49) Nenhum dos documentos indicados acima, sugere, aliás, esta identificação.

43 - V. Rijnberk, I, pág. 112.

44 - Id. II, pág. 33.

45 - Souvenirs, Ed. Lechener, Filhos, Paris 1868, pág. 155.

46 - V. von Ense (K.A.) Saint-Martin, 1821.

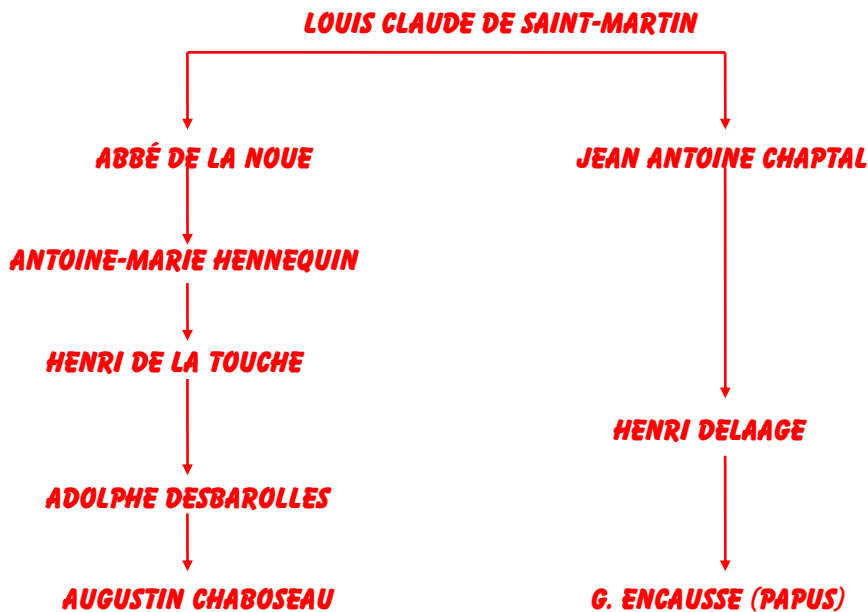
47 - Die neuesten Religionsbegebenheiten für das Jahr 1795. Jahrgang 18, Stuck 1, p. 39-62. Esta referência e as duas precedentes, são de V. Rijnberk I, pág. 112,3,4,5.

48 - Journal des Débats, 14 Brumário, ano XII (6 nov. 1803).

49 - Thry, Annales Magni Oꝛdꝛis Galliorum; e também L. Blanc (Histoire de la Rèvolution Française, Paris, 1869, t. I, pág. 215). “Enxertada na Franco-Maçonaria, a doutrina nova” (O Martinismo), constitui um rito composto de 10 graus em graus de instrução, pelos quais, deviam passar, sucessivamente, os adeptos.

Citemos, enfim, a curiosa estória do Cavaleiro d'Arson. Acha-se narrada na sua obra "Appel à l'humanité". Preciosa para entender o espírito da Ordem Martinista, fornece, também, um documento histórico sobre a Sociedade de Saint-Martin em 1818. Vê-se, com efeito, nesta obra, que naquela época, os discípulos do Teósofo liam suas obras, aconselhando à sua leitura e agiam em torno delas como verdadeiros Superiores Desconhecidos. ⁽⁵⁰⁾

2º) Mas o Sr. Von Rijnberk, recebeu outras informações do Sr. Augustin Chaboseau, até a época inéditas, sendo publicadas no tomo II de Martinez de Pasqually. Elas comprovam a existência de uma iniciação transmitida por Saint-Martin, diferente da iniciação Cohen. A seguir, reproduzimos o quadro da filiação Martinista de Saint-Martin, até nossos dias:



Deste quadro resulta que a iniciação dos Martinistas atuais, iniciados pelo Sr. Augustin Chaboseau, é, incontestável, e aliás, incontestada. A dos Martinistas de Papus, à medida que se unam à única subdivisão de Chaptal-Delaage, e, na medida em que o próprio Papus se liga a esta única subdivisão, está obscurecida por uma dúvida. Chaptal, com efeito, morreu em 1832 e não pôde iniciar Delaage, que nascido em 1825, tinha, então, sete anos. O próprio Papus diz "que um dos alunos diretos (de Saint-Martin), o Sr. de Chaptal, foi avô de Delaage" ⁽⁵¹⁾, mas não indica com precisão que ele deveria tomar a posição paterna. ⁽⁵²⁾

De fato, a regularidade Martinista de Papus é certa, porque ele não possuía somente a hipotética filiação de Delaage. Augustin Chaboseau, assinalou num artigo inédito este ponto na história do Martinismo contemporâneo. Ele relata que Gérard Encausse e ele, trocaram suas iniciações, conferindo-se, reciprocamente, o que cada um deles havia recebido. ⁽⁵³⁾ Pode-se, pois, dizer que se Papus era validamente detentor da iniciação da Saint-Martin, ele o devia a Augustin Chaboseau.

⁵⁰ - Foi Papus, segundo nosso conhecimento, que assinalou o interesse inicial desse texto. Conforme Saint-Martin, pág. 246, Martinisme, Martinéisme e Willermozisme, pág. 42, nota I.

⁵¹ - Papus: Saint-Martin, pág. 248.

⁵² - É preciso entender que falamos somente da iniciação Martinista, isto é, aquela que deriva de Saint-Martin. A regularidade Cohen do Martinismo de Papus é do Martinismo Lionês, não está em questão.

⁵³ - "Como reconhecer Bl... por Grão-Mestre, eu que iniciei Papus em 1888?" (Extrato de um manuscrito de A. Chaboseau. Coleção do autor).

Certas tradições e outros fatos, ligam Saint-Martin e a Ordem Martinista à Companhia dos Filósofos Desconhecidos.⁽⁵⁴⁾ Saint-Martin, estaria unido pelo canal de uma iniciação cerimonial a Salzmann, a Boehme, a Sethon e a Khunrath. O que se poderá pensar desta genealogia? Não é nossa tarefa fazer-lhe a crítica; é trabalho para um historiador. De resto, a questão pouco nos importa. Se Saint-Martin criticou todas as peças da iniciação Martinistas, ninguém poderá discutir sobre seu direito e seu poder. Se a iniciação de Saint-Martin leva em si o influxo de Martinez ou do Cosmopolita, isto é totalmente supérfluo. Porque a originalidade de Saint-Martin é tal, e tal é a força de sua personalidade que ocultariam e removeriam as relações anteriores. Saint-Martin pôde ser visto de uma iniciação já praticada com os seus discípulos, como denominamos aqueles Superiores Desconhecidos, sem lhes dar nenhuma prerrogativa administrativa e honorífica, primitivamente ligadas a este título. Mas a concepção que Saint-Martin tinha da iniciação e do Superior Desconhecido, eis o que o Teósofo transmitiu e o que é essencial.

Qualquer que seja o veículo, a iniciação Martinista está totalmente penetrada pelo espírito de Saint-Martin. É necessário e suficiente que ela se refira, efetivamente a ele.

Tais são os fatos mais seguros no que diz respeito à questão tão longamente debatida da Ordem Martinista. Resta depois da prova de sua existência, pesquisar sua natureza, sua organização, seu espírito, em uma palavra, as ligações do Martinismo, como nós o definimos, e da Ordem Martinista, que pretende ser sua continuadora.

CAPÍTULO IV

O ESPÍRITO DA ORDEM MARTINISTA

“Saint-Martin induzido a formar uma espécie de agrupamento, essencialmente espiritualista, desligado das cerimônias ritualísticas e das operações mágicas”.

**J. Bricaud: Notice historique sur le Martinisme.
Nova Edição, 1934, pág. 7.**

Saint-Martin foi Franco-Maçom, foi Elu-Cohen e aderiu ao Mesmerismo; prestou-se, de boa mente, aos ritos e aos usos destas sociedades; conduziu-se como membro irrepreensível de fraternidades iniciáticas. Mas este comportamento representa uma época de sua vida. Vimos como o temperamento de Saint-Martin e toda a sua formação o afastavam do caminho exterior. Podemos entender, tanto as operações teúrgicas ou mágicas visando resultados sensíveis, como as associações maçônicas ou ocultistas, nos seios das quais elas são praticadas. Quando Saint-Martin solicitou a sua exclusão dos registros da Franco-Maçonaria, onde, somente figurava nominalmente, exprimiu seu desejo e sua convicção de conservar seus graus Cohen. Mas a idéia que até então fazia dos Elus-Cohen, parece bem próxima de sua concepção pessoal da Ordem iniciática. O verdadeiro elo entre os irmãos é um elo moral e espiritual.

Também vimos Saint-Martin repudiar a sociedade, desculpar-se de haver fundado uma: “*Minha seita é a Providência; meus prosélitos, sou eu, meu oculto é a Justiça*”.⁽⁵⁵⁾

Mas, o Teósofo, sabia também que os seus profundos conhecimentos lhe impunham uma missão. Sabia auxiliar os homens que o cercavam, proporcionar-lhes conselhos, tentar insuflar-lhes o Espírito. Por possuir o “*alimento espiritual*”, os “*aspirantes*” se lhe aproximavam.

⁵⁴ - Uma ordem de Superiores Desconhecidos figura em 1646 numa lista de denúncias endereçadas ao Tenente de Polícia pela Companhia de Saint-Sacrement.

⁵⁵ - Portrait n° 488, pág. 68.

Assim o círculo íntimo de Saint-Martin se constituiu de discípulos escolhidos e de amigos fiéis.

Somente o valor intelectual e o zelo pela busca da Verdade, permitiam ingressar nessa sociedade. Nem a idade, nem a posição social eram levadas em consideração, as mulheres eram convidadas a participar. *“A alma feminina não sai da mesma fonte que aquela revestida de um corpo masculino? Não tem ela a mesma tarefa a cumprir, o mesmo espírito a combater, os mesmos frutos a esperar?”* ⁽⁵⁶⁾ Entretanto, recomendava Saint-Martin, *insisto na opinião de as mulheres devem ser em pequeno número e, acima de tudo, escrupulosamente examinadas*. ⁽⁵⁷⁾ Talvez seja necessário procurar aí, a razão deste aforismo de Portrait: *“A mulher me parece ser melhor que o homem, mas, o homem me parece mais verdadeiro do que a mulher”*. ⁽⁵⁸⁾ Finalmente, colhemos no que diz respeito às mulheres, uma delicada e graciosa observação de Saint-Martin. Ela ajudará também, a reconstituir a atmosfera do Martinismo, segundo a vontade de seu fundador. *“As grandes verdades só se ensinam bem no silêncio, enquanto que toda a necessidade das mulheres é que se fale, e que elas falem; então tudo se desorganiza como já o provei várias vezes”*. ⁽⁵⁹⁾

A personalidade do Filósofo Desconhecido, tal como se manifesta nas suas obras e em seus atos, impede atribuir à sua sociedade um aspecto rígido, solidamente organizado e hierarquizado. Ninguém crê mais na autenticidade do rito maçônico, dito de Saint-Martin. E a única ação importante do Teósofo, no seio da Maçonaria, foi tentar quebrar a armadura das Lojas regulares, dispersar seus membros e arrastá-los, na sua corrida para o Absoluto, para fora, dos quadros e dos agrupamentos.

Admitamos, pois, que os discípulos de Saint-Martin, formavam antes uma espécie de *“clube”*, do que uma verdadeira sociedade iniciática. Admitamos que o elo que ligava esses discípulos ao Mestre e entre si, eram de natureza espiritual. Resta saber o que se fazia nessa escola e como se trabalhava nela; o que transmitia o Mestre e como se era admitido na cadeia. Estas duas últimas frases nos parecem resumir a finalidade e o princípio da sociedade de Saint-Martin, nela instruíla, mas também conferia uma iniciação, no sentido exato do termo.

Sobre a maneira de Saint-Martin instruir, possuímos um testemunho de primeira mão, são as explicações dadas por Saint-Martin a um discípulo que o interpela. São as inestimáveis cartas a Kirchberger, barão de Liebisdorf. A primeira carta de Kirchberger, solicitava alguns esclarecimentos sobre o autor e o fundamento *“Dos Erros e da Verdade”*. O Filósofo de Amboise lhe respondeu cortesmente, e assim nasceu uma troca de idéias que durou quatro anos. Encontramos ao longo das páginas, um apreciável número de concessões doutrinárias. A que descobertas convida a belíssima parábola do jardineiro! E quais revelações, Saint-Martin não hesita comunicar! O Filósofo Desconhecido, na sua primeira obra, esboçara alegoricamente o estado do homem antes da queda. O homem original, nela se lia, tirava todo o seu poder da posse de uma lança maravilhosa, composta de quatro metais diferentes. Saint-Martin não oculta até que ponto é importante descobrir a verdadeira natureza dessa lança simbólica. E responde, assim, a Kirchberger, que lhe reclama o segredo: *“A lança composta de quatro metais não é outra coisa do que o grande nome de Deus,*

⁵⁶ - Carta a Willermoz, 1º de maio de 1773. Pápus: Saint-Martin, pág. 116.

⁵⁷ - Idem, 23 de março de 1777. Pápus: Saint-Martin, pág. 146/7. Esta instução dis respeito à Ordem dos Elus Cohen e visa a entrada de madame Provençal, irmã de Willermoz. Mas encerra o pensamento constante de Saint-Martin. Podemos crer que *“exame escrupuloso”* se impõe, ainda mais Martinismo, quando se desconhece a desconfiança do Teósofo pelos transportes místicos femininos.

⁵⁸ - Portrait nº 206 pág. 30.

⁵⁹ - Portrait nº 145, pág. 21. Saint-Martin devia perceber melhor do que qualquer outro o estranho encanto que algumas mulheres emanam, do qual, Balzac, nos falou tão bem: *“Ah, Nathalie, sim, algumas mulheres participam, na terra, dos privilégios dos espíritos angélicos e, iluminam, como eles, essa luz que Saint-Martin, o Filósofo Desconhecido, dizia ser inteligível, melodiosa e totalmente congênita.”* (o Lírio do Vale). A teoria Martinista da Luz, à qual se refere Balzac é exposta seguidamente no Crocodile.

composto de quatro letras".⁽⁶⁰⁾ Pode-se exigir algo mais claro? Compreendemos a fecundidade das relações do Mestre e dos discípulos, quando uma tal vontade de ensinar, anima aquele que sabe. A seqüência da revelação feita a Kirchberger sobre a significação metafísica da lança, mostrará ainda, Saint-Martin orientando aqueles que o solicitam. Liebisdorf, com efeito, tirou desse símbolo, conclusões demasiado arbitrárias. Comparou, por exemplo, a liga dos quatro metais com os quatro evangelistas. ⁽⁶¹⁾ Saint-Martin taxou tais conclusões de "*convencionais*" e, escreveu a Kirchberger "*que os quatro evangelistas são, talvez, cinqüenta*".⁽⁶²⁾

Assim se exerce o primeiro ministério do Filósofo Desconhecido entre os membros de sua Ordem; repara e enriquece sua inteligência. Ele lhes expõe sua verdadeira doutrina. Acrescentemos, também, a essas demonstrações, as técnicas místicas, as chaves cabalísticas de meditação, de respirações que Saint-Martin ensinava a seu grupo. O barão de Turkhein, acreditava que várias passagens dos "Erros e da Verdade", "*eram tiradas literalmente*" das Parthes, obra clássica dos Cabalistas. ⁽⁶³⁾ Não existe uma parte da Cabala que pode ser intitulada "a yoga do Ocidente"? Tais eram alguns ensinamentos transmitidos por Saint-Martin aos membros de sua Sociedade. O que dissemos da concepção Martinista da "Ordem iniciática", deixa bem entendido a possibilidade de ser Martinista, sem estar materialmente, socialmente, ligado a Saint-Martin. Certamente é fácil se mostrar Martinista, como esses homens superficiais que Mercier descreve no seu "Tableau de Paris" e que fazem do Filósofo Desconhecido, uma moda. Não há nenhuma necessidade de ligar-se à "Ordem Martinista". Pode-se ter aderido à doutrina instaurada pelo Teósofo de Amboise, colocá-la em prática, esforçar-se em seguir o caminho que ele indica, sem ter recebido a iniciação por meio de outro iniciado. Ou por outra, extrapolemos a noção da Ordem Martinista. A religião cristã julga salvos todos que se incorporam a ela pelo "batismo do desejo". Será preciso ver o Martinismo recusar a iniciação do Homem Espírito a todo "Homem de Desejo"? Reconheçamos, todavia, que a iniciação ritual é o meio mais comum e o mais fácil de ingressar na "Ordem Martinista". Ela proporciona a todo aquele que a recebe, uma poderosa ajuda. Um auxílio místico, em primeiro lugar, dos Irmãos passados ou presentes na comunhão dos quais, nos permite entrar, mais facilmente. Ajuda moral e também material dos membros contemporâneos. Auxílio intelectual pelo socorro que solicita no estudo da doutrina, seja por trabalhos em comum, seja pela voz dos adeptos mais adiantados, seja, principalmente, pelas tradições dos quais esses adeptos são o reflexo e que dormem no seio da Ordem, não esperando senão um Príncipe, cujo amor virá despertá-los. Mas, a iniciação possui em si mesma um valor exato. Saint-Martin instruía os membros de sua sociedade, dessa sociedade que a história confirmou-nos a sobrevivência através dos séculos. Mas, o Filósofo Desconhecido lhes dava também, um misterioso viático, ⁽⁶⁴⁾ uma chave mais estranha do que as clavículas: a iniciação. Extraordinário encanto do influxo Divino que emana de suas mãos, que faz o sacerdote ou o adepto, que dá o poder ou a facilidade das ciências. Virtude mágica ao limite extremo do natural e do sobrenatural. Prodigioso e impalpável auxiliar que se dá sem dividir-se, que se transmite de homem a homem; guarda seu efeito próprio e infalível, mas não desenvolve inteiramente seu poder, senão no espírito pronto a conservá-lo. Singular fascinação dessa corrente sutil, desse fluído vital que anima o membro do corpo místico.

Saint-Martin soube discernir o papel da iniciação e entendeu que seu mecanismo não ultrapassava "*as leis da natureza corporal*". "*Vós tendes razão, escrevia a Willermoz, de crer que a nossa sorte depende de nossas disposições pessoais, tendes ainda razão de crer que o grau... dá ao iniciado um caráter, nada é mais verdadeiro que a perfeita harmonia dessas duas coisas e não deve ter um*

⁶⁰ - Correspondência, pág. 45.

⁶¹ - Correspondência, pág. 48.

⁶² - Correspondência, pág. 52.

⁶³ - Carta a Willermoz, 4 de agosto de 1821, in Demerghen, Les Sommeils, pág. 144.

⁶⁴ - Viático: sacramento ministrado aos enfermos impossibilitados de sair de casa. Dic. Escolar da L.P. N.do T.

efeito real que, sem dúvida, aumenta com o tempo, pelas instruções e pelos cuidados que cada um pode acrescentar-lhe”.⁽⁶⁵⁾

Louis Claude de Saint-Martin transmitiu a seus discípulos o depósito da iniciação, a fim de que germine naquele que é digno de recebê-lo e que purifique aquele que ainda não o é. *“Se o poder da iniciação não opera sensivelmente pela visão, opera, não obstante, infalivelmente, como preservativo e prepara a forma daquele que se mantém puro, para receber instruções salutares quando o espírito o julga conveniente”.*⁽⁶⁶⁾

Assim, sem aventais e sem fitas, sem vaidade e sem orgulho, a iniciação que Saint-Martin confere à sua Ordem, será a primeira etapa da única iniciação, da iniciação última, *“a santa aliança que só se pode contrair após uma perfeita purificação”.*⁽⁶⁷⁾

CAPÍTULO V

A DOCTRINA MARTINISTA - MÉTODO E DIALÉTICA

“Os princípios naturais são os únicos que se devem, primeiramente, apresentar à inteligência humana e, as tradições que se seguem, por mais sublimes e profundas que sejam, jamais devem ser empregadas, senão como confirmações, porque a existência humana surgiu antes dos livros”.

**Portrait n.º 319 (Obras Póstumas
vol. I, pág. 40, 41).**

O Martinismo é uma maneira de viver, mas seus princípios de ação estão subordinados a uma determinada maneira de pensar. A soberania da inteligência e do senso moral deve ser respeitada. Nenhum vulgar oportunismo e nenhum utilitarismo poderiam ser admitidos. As verdades essenciais e exatas que os livros só podem confirmar, regem nossa existência e nossa atividade total. Qualquer que seja o plano sobre o qual o homem aja, sua conduta decorre de suas certezas profundas, intelectuais, digamos a palavra: filosóficas. É porque sabe de onde vem e para onde vai que o homem poderá orientar sua ação política e dar-lhe um sentido. A resposta ao problema capital do destino humano, contém a solução de todas as questões que se apresentam ao homem. Antes de possuir a lógica desta dedução, antes de expor as conseqüências morais ou políticas da doutrina Martinista, perguntemos, inicialmente, qual é seu fundamento. Quais são, no espírito de Saint-Martin, as verdades primeiras e como as adquiriremos?

“É um espetáculo bem aflitivo, quando se quer contemplar o homem e vê-lo, ao mesmo tempo, atormentado pelo desejo de conhecer, não percebendo as razões de nada e, entretanto, tendo a audácia de querer dá-las a tudo”.⁽⁶⁸⁾

Essas primeiras linhas da obra inicial de Saint-Martin, fornecem o ponto de partida e o plano de toda a doutrina Martinista.

⁶⁵ - Carta de Saint-Martin a Willermoz, 25 de março de 1771. Papyrus: Saint-Martin, pág. 88. Este texto refere-se à ordenação Cohen. Mas se aplica, com mais propriedade, à autêntica iniciação do Filósofo Desconhecido!

⁶⁶ - Papyrus: Saint-Martin, pág. 89 (Carta a Willermoz, 25 de março de 1771).

⁶⁷ - Le Nouvel Homme.

⁶⁸ - Erreurs, 1782 I, pág. 3.

“O homem é a soma de todos os problemas. Ele próprio é um problema, o enigma dos enigmas. A questão que ele coloca, a que a sua própria natureza encerra, nos obriga a solucioná-la. Uma teoria que não visasse, em primeira instância, o bem do homem, seria totalmente inútil”. (69)

E esse bem só pode resultar da resposta à interrogação humana. A existência dessa interrogação será a primeira certeza. Com efeito, uma constatação se impõe: o estado do homem. Ora, este estado se caracteriza pela angústia, o sentimento de limitação e de imperfeição. O fato de que o homem possa ignorar e assombrar-se por isso, é um mistério inicial que ocasiona, logicamente, a conclusões sobre *a origem e o destino do homem*. Mas é somente pelo estudo do homem, pelo aprofundamento do problema, pela reflexão sobre os termos do problema que encontraremos a solução do mesmo. Tal é o método de Saint-Martin. Precisamos explicar *“não o homem pelas coisas, mas as coisas pelo homem”*. (70)

“Aquele que possuir o conhecimento de si mesmo terá acesso à ciência do mundo, dos outros seres. Mas o conhecimento de si, é somente em si que convém buscar. É no espírito do homem que devemos encontrar as leis que dirigiram a sua origem”.(71)

O homem que é o enigma, é também a chave do enigma. Dir-se-á que temos aí uma tautologia? E que não se poderia provar o valor do espírito ou a eminente natureza do homem por um método que os pressupõe? Mas não se trata de utilizar um método para demonstrar a superioridade da faculdade intelectual. Não se trata mesmo de uma idéia diretriz apropriada para estabelecer as bases dessa faculdade. Diante de sua situação que é também, seu enigma, o homem é naturalmente levado a examinar-se. Ele quer julgar os elementos do enigma. Seu reflexo normal (se assim podemos afirmar) será olhar para si mesmo, pois aí reside o problema. Também é uma *infelicidade* para o homem ter necessidade de provas *estranhas* à sua pessoa *“para conhecer-se e crer em sua própria natureza, porque ela traz consigo, testemunhos bem mais evidentes que aqueles que podem concentrar nas observações dos objetos sensíveis e materiais”*. (72)

É, somente após ter-se reconhecido por aquilo que ele é, que o homem convencido de sua Divindade e de sua situação central, decide tomar-se por medida das coisas, ou, ao menos, por princípio de explicação. Afirmar que da verdadeira natureza do homem deve resultar *“o conhecimento das leis da natureza e dos outros seres”* (73), não é um postulado, é uma certeza; a conclusão de uma experiência. Se o Martinismo nos faz encontrar a explicação do Universo e a visão de Deus, é porque ele tem sua fonte na *“arte de conhecer-se a si mesmo”*. Saint-Martin, mestre do Ocidente, reencontra-se aqui com a luz da Ásia. O Buda, premido pela urgência de nosso estado, condenou energicamente as reflexões sem proveito. Elas nos desviam de nosso verdadeiro interesse. Com efeito, que loucura seria procurar, em primeiro lugar, saber se o princípio da vida se identifica com o corpo ou é algo diferente!

Seria como se um homem, tendo sido ferido por uma flecha envenenada e, cujos amigos ou companheiros, chamassem um médico para tratá-lo, dissesse: *“não quero que retirem esta flecha antes que eu saiba qual foi o homem que me feriu, se foi nosso príncipe, cidadão ou escravo”*, ou, *“qual o seu nome e a família a que pertence”*, ou, *“se é grande, pequeno ou médio”*... Certo é que esse homem morreria antes de estar ciente de tudo isso. (74)

69 - Erreurs, prefácio, pág. V.

70 - Erreurs, 1782 I, pág. 9.

71 - Tableou Naturel, 1900, pág. 2.

72 - Erreurs, I, pág. 56.

73 - Tableau Naturel, 1900, pág. 2.

74 - Masshima Kikaya, 63.

Nossa situação exige uma resposta exata. Os outros problemas são acessórios. Mas, Saint-Martin, não os baniu, por isso, do campo da pesquisa humana. A investigação filosófica não foi proibida. Ele considera absurdo que nosso espírito, sendo havido de conhecimento, não possa satisfazer tal sede. ⁽⁷⁵⁾ Simplesmente estabelece esta curiosidade intelectual. Quando o homem reconheceu o Caminho que o leva à Verdade, pode entregar-se à meditação sobre os mistérios de Deus e do Universo. Mas não se podem combinar os jogos do espírito, ou mesmo os seus processos abstratos com a prioridade sobre a direção de nossa vida. Aliás não existe defazagem entre essas duas ordens de pesquisa, mas apenas, prioridade e dialética entre uma e outra. É digno de nota que, por *conspiração* universal, tudo esteja ligado, e que a solução do primeiro enigma conduza, também, à dos outros. Primeiramente é necessário tratar o fermento e retirar a flecha. Mas, corresponde à necessidade imperiosa de nos salvar, descobrirmos a natureza do fermento, a qualidade do dardo e, por assim dizer, sua marca de fábrica.

A questão de sua origem e procedência é esclarecida de imediato, mas a cura terá que ser procurada e os remédios terão que ser receitados em primeiro lugar. O *Humanismo* de Saint-Martin ⁽⁷⁶⁾ não é coisa a priori, mas, procede da experiência mais exata e imediata que o homem possa realizar: a experiência própria da consciência de seu estado.

Persistamos um pouco sobre o caráter a priori que acabamos de negar no Martinismo. Convém não deixar alguma dúvida. É a natureza íntima de Saint-Martin que aqui está em causa. Pode-se dizer que sua filosofia é, a priori, porque explica o inferior pelo superior, o baixo pelo alto, os fatos por seu princípio. O materialismo seria, então, a posteriori, porque explica a matéria pela matéria, explica o que parece transcender à matéria, reduzindo o homem à própria matéria. Superando-a, encontraríamos aqui a fórmula de W. James: “*O empirismo é um hábito de explicar as partes pelo todo*”. Todo espiritualismo é, pois, a priori - e o Martinismo mais do que qualquer outro sistema. O livro “*Dos Erros e da Verdade*”, procura mostrar a fraqueza e a insuficiência de uma visão materialista do mundo. Essa oposição não é, em nenhuma parte, mais sensível do que na crítica do sensualismo perseguida por Saint-Martin durante toda sua vida. ⁽⁷⁷⁾

Saint-Martin disse a um amigo que o qualificava de *espiritualista*: “*Não é o suficiente para mim ser espiritualista - e se ele me conhecesse, longe de restringir-se a isso, ele chamar-me-ia deísta: porque é o meu verdadeiro nome*”. ⁽⁷⁸⁾ O Martinismo é espiritualista e seu objetivo principal é, portanto, um “*a priori gigantesco*”, segundo a palavra de Henri Martin. ⁽⁷⁹⁾ Mas que essa explicação, a priori, seja dada, a priori: que seja apresentada como um postulado, que se mostre inverificável e que se possa julgá-la o fruto de uma imaginação, eis aí, o contrário da essência da filosofia de Saint-Martin. Porque essa filosofia está baseada totalmente numa sentença e numa dialética que iremos examinar. Por não ser apoiada na matéria ou no sensível aos sentidos físicos, ela não é menos exata. Diríamos quase *ao contrário*. Saint-Martin não proclamou e não somos instados a experimentar junto a ele, a acharmos em nós provas mais convincentes, que não encontraríamos na Natureza inteira? ⁽⁸⁰⁾ Essas breves reflexões sobre o método Martinista não tem a

⁷⁵ - Tableau Naturel, 1900, I, pág. 1.

⁷⁶ - A palavra “humanismo” foi aplicada a Saint-Martin num estudo original de Paul Salleron (Chronique de Paris, nº 9, julho de 1944). O autor, depois de Jacques Maritain, diferencia com sutil inteligência o “*humanismo teocêntrico*”. É, evidentemente, por esta última expressão que Salleron designa a doutrina Martinista.

⁷⁷ - O acontecimento mais estrepitoso desta luta incessante testemunhada pelos livros e os apontamentos históricos de Saint-Martin, é a controvérsia com Garat, quando de sua permanência na Escola Normal.

⁷⁸ - Portrait nº 576, I, pág. 72. Conforme ibid, nº 362 “*Minha obra tem a sua base e o seu desenvolvimento no divino, não deixará, espero, de ter o seu encerramento no mesmo Divino*”.

⁷⁹ - Henri Martin: Histoire de France, Paris, Furne, 1860 t. XVI, p. 530.

⁸⁰ - Conf. Le Ministère de l’Homme-Esprit. pág. 1,3,7 e 8. “*Todos os recursos extraídos da ordem deste mundo, da ordem da natureza, são precários e frágeis... Para nós é bem mais fácil, atingir as luzes e as ceretexas que brilham no mundo onde nós habitamos, do que nos tornarmos familiares com as obscuridades e as trevas que envolvem o mundo onde nós estamos; ... enfim, estamos mais próximos daquilo que chamamos o outro mundo, do que deste*”.

pretensão de determinar a sua essência. Esta, depreende-se da própria exposição da doutrina de Saint-Martin. Após fornecer algumas explicações da doutrina, destacaremos algumas características principais da mesma. Entretanto, convinha explicar, nitidamente, a base da reflexão Martinista. “*Saint-Martin deseja crer, escreveu Matter, (81) mas com inteligência, apesar de ser um filósofo místico*”. A teosofia de Saint-Martin não é uma obra de imaginação, uma teia de afirmativas inverificáveis, nem de devaneios místicos. Para atingir os píncaros da metafísica e da espiritualidade, o pensador de Amboise, não se estabelece no plano das especulações abstratas, inacessível ao vulgar. Ele nos alcança no nosso nível - no nível do homem. Daí, nos reconduzirá até Deus, do qual nos sentimos tão cruelmente afastados.

O itinerário desse percurso, eis o que precisamos, agora, determinar com exatidão, Poderemos constatar assim, a coerência do sistema Martinista. Em seguida, examinaremos, sucessivamente, as diferentes partes, que sem este trabalho preliminar, correriam o risco de parecer desprovidas de fundamento. Esboçemos, pois, o esquema de uma dialética Martinista.

O homem, inicialmente, toma *consciência de seu estado*. Entendemos pelo que foi dito supra, que o homem se conhece tanto em espírito como em corpo, ou, mais explicitamente, constata nele e fora dele, manifestações variadas. Na medida em que estas manifestações lhe pertencem ou lhe afetem - e como as conheceria sem ser por elas atingido - na proporção onde estas manifestações o afetam, de alguma maneira, elas contribuem para constituir seu *estado*.

“Ora, àqueles que não tivessem sentido a sua verdadeira natureza, só lhes pediria que se precavesses contra os desprezos. Porque no que eles chamam homem, no que denominamos moral, no que chamam ciência, enfim, no que se poderia chamar o caos e campo de batalha de suas diversas doutrinas, eles encontrariam tantas ações duplas e opostas, tantas forças que se degladiam e se destroem, tantos agentes, nitidamente ativos e tantos outros, nitidamente passivos e isto sem buscar fora de sua própria individualização, talvez, sem poder dizer, ainda, o que nos compõe, concordariam que, seguramente, tudo em nós não é semelhante e que não existimos senão numa perpétua diferença, seja conosco, seja com tudo que nos circunda e tudo o que possamos atingir ou considerar. Apenas seria necessário, em seguida, auxiliar com alguma ciência essas diferenças, para perceber seu verdadeiro caráter e para colocar o homem no seu devido lugar”.
(82)

Saint-Martin convida, pois, o homem a considerar-se e a analisar, com cuidado, a realidade que houvera atingido. Assim o homem descobrirá o seu verdadeiro lugar e, perceberá a harmonia do mundo de acordo com o famoso adágio de Delfus: “*Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses*”. A convite de Saint-Martin, procedamos pois, fazendo o exame que ele preconiza, o exame do homem.

O simples exame de sua presente situação lhe revela que esse estado assim se resume: a coexistência de elementos aparentemente contraditórios, ambos, objeto de uma experiência, igualmente exata.

I - O homem descobre em si um princípio superior. Observa seu pensamento, sua vontade, todos “*estes atos de gênio e de inteligência que o distinguem sempre por características impressionantes e indícios exclusivos*”. (83)

81 - Matter: Saint-Martin, le Philosophe Inconnu, pág. 219.

82 - Le Nouvel Homme.

83 - Tableau Naturel, 1900, I, pág. 6. “*O homem, apesar de sua degradação fatal, traz em si sempre sinais evidentes de sua origem Divina*”. J. de Maistre. Les Soirées de Saint-Petersbourg. VII. Palestras.

Por que, pois, o homem pode afastar-se da lei dos sentidos? ⁽⁸⁴⁾ *“Por que o homem é dirigido por um maravilhoso senso de moral, infalível em seu princípio? Não é senão porque é essencialmente diferente devido ao seu Princípio intelectual ⁽⁸⁵⁾ e é o único favorecido aqui em baixo por essa sublime vantagem... ⁽⁸⁶⁾”*

A consciência de si dá ao homem uma certeza primordial. *“Quando sentimos uma só vez nossa alma, não podemos ter nenhuma dúvida sobre suas possibilidades”*. ⁽⁸⁷⁾ Mas, o que lhe surge, antes de tudo, é o sofrimento necessário de sentir-se exilado, é a nostalgia de uma morada edênica. *“O homem, na verdade, na qualidade de Ser intelectual, leva sempre sobre os Seres corporais, a vantagem de sentir uma necessidade que lhe é desconhecida”*. ⁽⁸⁸⁾ O Filósofo reuniu então essas múltiplas provas, esses testemunhos irrecusáveis e o espetáculo de sua alma inspira a Saint-Martin esta revelação: *“Cidadão imortal das regiões celestes, meus dias são o vapor dos dias do Eterno”*. ⁽⁸⁹⁾ Não atribuamos, de momento, nenhuma importância metafísica a este verso do Teósofo. Nele, não temos senão a afirmação de nossa grandeza, à qual Saint-Martin, vai opor o espetáculo de nossa miséria.

II - Ao mesmo tempo, que, reconhece a transcendência do seu espírito, o homem percebe o conjunto dos males e das desgraças dos quais está cercado. A realidade do sofrimento de nos impõe, com efeito, da maneira mais trágica. Inútil é pintar o quadro das fraquezas e das desgraças dos homens. Nenhum, entre eles, os ignora porque ninguém pode viver sem tomar parte nelas. *“Não existe uma pessoa de boa fé, disse Saint-Martin, que não considere a vida corporal do homem uma privação e um sofrimento contínuo”*. ⁽⁹⁰⁾ A aproximação entre essa evidência e essa certeza anteriormente adquirida, se evidencia, ao mesmo tempo, inevitável e surpreendente.

“Tanto é verdade que o estudo do homem faz-nos descobrir, em nós, relações com o primeiro de todos os princípios e os vestígios de uma origem gloriosa, quanto o mesmo estudo deixa-nos perceber uma horrível degradação”. ⁽⁹¹⁾ Saint-Martin explicou na sua belíssima análise da *miséria espiritual*, como a união destas duas conclusões caracteriza o nosso estado. Para explicar uma passagem do Ecce Homo, o Filósofo, põe em questão a ambivalência do homem, a dualidade de sua natureza.

“A miséria espiritual, diz ele, é o sentimento vivo da nossa privação Divina aqui na terra, operação que se combina: 1º com o desejo sincero de reencontrar nossa pátria; 2º com os reflexos interiores que o sol Divino nos irradia, algumas vezes, a graça de enviar-nos até o centro de nossa alma; 3º com a dor que experimentamos quando, após ter sentido alguns desses Divinos reflexos tão consoladores, recaímos em nossa região tenebrosa, para aí, continuarmos nossa expiação”. ⁽⁹²⁾ Retomando outra fórmula de Saint-Martin: *“Existem seres que só são inteligentes; existem outros que só são sensíveis; o homem é ao mesmo tempo, um e outro, eis aí a palavra do enigma”*. ⁽⁹³⁾

A contradição brota desse aspecto, desse duplo aspecto da existência humana, como surge entre o desejo de saber e o fracasso freqüente das tentativas para chegar até aí. *“O homem, um Deus!*

⁸⁴ - Erreurs, I, 51.

⁸⁵ - Ibid. I, 55.

⁸⁶ - Ibid. I, 61.

⁸⁷ - Correspondance, pág. 31.

⁸⁸ - Ibid.

⁸⁹ - Stances, I, pág. 19.

⁹⁰ - Erreurs, 1782 I, pág. 31.

⁹¹ - Tableau Naturel, V, 1900, pág. 53.

⁹² - Correspondance, pág. 36, 37. O texto de Ecce Homo que Saint-Martin esclareceu nesta carta está situado na pág. 56.

⁹³ - Erreurs, I, pág. 49.

Verdade; não é uma ilusão? Como o homem, esse Deus, esse prodígio espantoso, definharia no opróbrio e na fraqueza! ⁽⁹⁴⁾ O problema está apresentado. Os dados estão expressos. O encontro das duas experiências, sua simultaneidade, eis o ponto de partida da dialética Martinista. A tristeza de nosso destino não forneceria material para alguma reflexão se não houvesse, justamente aí, o espírito para tomar conhecimento.

“O temor, disse Aristóteles, é o começo da filosofia”. Ele entendia que a atenção se dirigia assim para os problemas que o vulgo ignora. Mas, o temor é, também, objeto de meditação. Por sua própria existência o temor ou a angústia, se quisermos, assinala uma oposição entre aquele que se espanta e aquilo do qual ele se espanta. É a mais irretorquível réplica ao materialismo. Ele impede de considerar o mundo material como única realidade, autosatisfazendo-se, existindo só, porque existe sempre o mundo e aquele que o julga. O mundo não pode ser uma máquina noturna, porque encontrará o homem para observá-lo girar. Destarte, seu assombro, que é indiscutível e parece um nó de contradições, faz parte da situação do homem. Miséria humana, experiência de todo momento. Grandeza do homem que se sabe infeliz. Grandeza e miséria humana se interpenetrando. A primeira permitindo a segunda e a segunda levando o espírito a se elevar à instrução da primeira.

Que ambivalência de nosso ser induz a dividir os seres e as coisas em duas classes que a crença em um princípio mau e poderoso, embora submetido ao Princípio do Bem, tenha surgido da mesma reflexão. Isto é certo e confirma a importância desta consideração. Aqui só examinamos as arestas da doutrina Martinista. Antes de tudo, destinada a instruir o homem sobre si próprio, poderá, em seguida, ensinar-lhe a Ciência do Mundo e de Deus. Mas é, primeiramente, o método do seu próprio estudo. O homem, inicialmente, se interessa por ele mesmo. Se o auto conhecimento permite abordar as pesquisas das leis que regem o Universo, se este conhecimento nos eleva até Deus, não tem menos por objeto a solução do problema do homem. É deste problema que é necessário, em primeira instância, ocupar-se, porque ele é, em essência, o único. Nunca o homem se aperceberá demasiadamente disso.

Admitamos, pois, como base da doutrina Martinista, esta contradição, esta dualidade da pessoa humana. Será aí que reside a originalidade de Saint-Martin? Absolutamente não. Numerosos foram os pensadores que descobriram na condição humana um tema rico em ensinamentos. Aristóteles após Platão, sabia bem que a essência do homem, sua alma, era *algo de Divino*. De São Paulo a Pascal, a luta das duas leis a da carne e a da alma, constituíram argumentos clássicos para a apologia cristã. *“Sinto nos meus membros, disse São Paulo, uma outra lei que se opõe à lei do Espírito e me aprisiona na lei do pecado que está nos meus membros”*.⁽⁹⁵⁾

“A grandeza do homem é grande na medida em que ele se reconhece miserável”, lemos nos Pensamentos. ⁽⁹⁶⁾ A descoberta pelo homem de sua queda e a consciência de sua filiação Divina, para explicar seu atual estado, é exposto em várias etapas da história da filosofia. E, aliás Saint-Martin não procura inovar em toda sua doutrina. Ao contrário, se felicita por reencontrar, sem cessar, os ensinamentos tradicionais ou as descobertas dos filósofos. A tradição ocupa lugar muito importante para ele. E, se de bom grado, citamos Pascal, é que sua doutrina se mescla, às vezes, ao pensamento Martinista. O próprio Saint-Martin assinalou estes parentescos intelectuais: *“Lede, nos diz num texto pouco conhecido, os Pensamentos de Pascal... Ele disse com termos próprios o que vos disse e o que publiquei: saber que o dogma do pecado original resolve melhor nossas dificuldades que todos os reacionários filosóficos”*.⁽⁹⁷⁾ Com efeito, chegamos, tanto com Saint-

⁹⁴ - Stances, 5, pág. 20.

⁹⁵ - Romanos, VII, 23.

⁹⁶ - Edição Brunshwieg n 165.

⁹⁷ - Carta de 27 Fructidor, publicada pela “A Initiation” em fev. de 1912. Tomemos aqui o exemplo de Pascal porque o próprio Saint-Martin nos convida a fazê-lo. Mas, este procedimento que lhe é comum, é o mesmo do cristianismo.

Conforme, por exemplo, Calvin: Institution Chretienne (Edição Lefranc, Paris, Champion, 1911, pág. 32) que J. de

Martin como com Pascal, a resolver o enigma que o homem traz consigo. Após ter pintado o homem e, subtilmente tê-lo analisado, competiu ao Teósofo, deduzir de acordo com seu método, as conseqüências dos fatos que acabou de conhecer. Vemos manifestar aqui o seu esforço de síntese. Saint-Martin vai conciliar os elementos opostos que formam o homem, mostrar que eles podem ser resolvidos numa explicação. O método será sempre o aprofundamento destas contradições que constituem o homem.

III - *“Pelo sentimento de nossa grandeza, concluímos que somos senão Pensamentos Deus, ao menos, Pensamentos de Deus”*.⁽⁹⁸⁾ *Pelo sentimento doloroso da horrível situação que é a nossa, podemos formar uma idéia do estado feliz onde estivéramos anteriormente”*.

“Quem se acha infeliz por não ser rei, diz Pascal, senão um rei destronado”.⁽⁹⁹⁾ E Saint-Martin: *“Se o homem não tem nada é porque tinha tudo”*.⁽¹⁰⁰⁾

De uma parte, a certeza de nossa origem sublime, quer que nós tenhamos a intuição da nossa faculdade essencial ou quer que a deduzamos da nossa miséria atual; de outra parte, essa própria miséria. Só a queda pode explicar essa posição, essa passagem. Só uma doutrina da queda explicará o fato do homem ter caído. Pois que, tanto o estado primordial de felicidade é uma certeza que adquirimos e que a miséria na qual nos debatemos é uma realidade não menos evidente, é preciso admitir uma transição de um estado para outro. Tal é a queda.

Sugerimos uma análise mais sutil do sublime estado que tornava o homem *tão grande e tão feliz*. Compreendemos como Saint-Martin, que ele podia nascer do conhecimento íntimo e da presença contínua do bom Princípio. Conseguiremos a terceira norma do que se pode chamar dialética Martinista. Podemos então resumir o desenvolvimento dessa dialética utilizando as próprias palavras do Teósofo:

1. *“O homem um Deus! Verdade”*.
2. *“Como o homem esse Deus, esse prodígio espantoso, definharia no opróbrio e na fraqueza”*.
3. *“Por que esse homem definharia, presentemente, na ignorância, na fraqueza e na miséria, se não é porque está separado deste princípio que é a única luz e o único apoio de todos os Seres?”*⁽¹⁰¹⁾

Tais são os princípios. Tal é o caminho pelo qual o homem chega à compreensão de seu estado. Pode-se construir sobre esse esquema a doutrina Martinista completa. Ele é o fundamento psicológico indispensável da múltiplas explicações que inspirará o pensamento do Filósofo Desconhecido. Não está esclarecido daí em diante o destino do homem? *“Acorrentado sobre a terra como Prometeu”*,⁽¹⁰²⁾ exilado do seu verdadeiro reino, que meta poderia propor senão a de reconquistar e de reintegrar-se em sua pátria?

E o meio de reencontrar o paraíso perdido, não o possuímos também? Sabemos como o homem foi banido. Ora, a mera descrição desse éden, mostrar-nos-á que está disposto *“com tanta sabedoria que, retornando sobre seus passos, pelos mesmos caminhos, esse homem deve estar seguro de recuperar o ponto central, no qual, apenas ele pode gozar de alguma força e de algum repouso”*.

Saussure assim resume: *“A revelação de Deus divide, assim, a alma em duas convicções opostas: a da sua dignidade quanto às suas próprias origens e seu fim supremo, e a da indignidade quanto ao seu estado atual”*. (Na l’ecole de Calvin, Paris. *“Je sers”*, 1930, pág. 62.

⁹⁸ - Ecce Homo, 2, pág. 19.

⁹⁹ - Pensée. Edição Brunshwieg, 409.

¹⁰⁰ - Erreurs, 1782, pág. 30.

¹⁰¹ - Erreurs, 1782, pág. 31.

¹⁰² - Tableau Naturel, 1900, pág. 57.

(¹⁰³) E a teoria da Reintegração deve, necessariamente, girar em torno da figura central do Reparador. É todo o Martinismo, magnificamente coerente e sólido, que se desenvolve no entendimento, a partir das intuições fundamentais.

Vimos a *dialética* de Saint-Martin e, descrito sob este termo, o percurso do homem na direção do conhecimento de sua origem e de seu destino. É interessante notar que essa marcha do pensamento, reproduz a própria marcha do ser. Comparemos, com efeito, a apreensão do homem por si mesmo com suas conseqüências e a aventura humana que esta apreensão permite reconstituir.

1º - O Homem goza, inicialmente, da felicidade edênica. O *menor* toma consciência de sua imperfeição atual e da aspiração de seu espírito, em uma palavra, a idéia da beatitude original. Ele se recorda disso em primeiro lugar.

2º - Depois medita sobre o sofrimento que é seu quinhão nesta vida. Descobre o estado após a queda. Assim o Homem no seu périplo cai do Céu, para vir à Terra.

3º - Enfim, o Homem miserável compreende o mistério da passagem, a distância que separa os dois estados. Assim, o Homem decaído transporá novamente a distância infinita, refará o trajeto que conduz à Felicidade e obterá sua Reintegração.

Tese, antítese, síntese. Felicidade primordial, queda e reintegração. O *menor* espiritual possui o traçado de seu destino. Ele reconheceu, seguramente, através de um procedimento lógico baseado sobre sua curva ontológica. Cada homem reencontra em seu espírito a eterna epopéia do Homem.

“Tenho por verdadeiro o que me é dado por verdadeiro no fundo íntimo de minha alma”. (¹⁰⁴) Assim, Salzmann define a verdade. Sem dúvida, Saint-Martin não teria negado essa profissão de fé de um iluminado. Mas teria ele julgado suficiente para fundar uma doutrina, para presidir uma iniciação, isto é, a um começo? É o que se pretendeu por várias vezes. Alguns quiseram construir o conjunto do sistema Martinista sobre esse único critério subjetivo. E é porque o quadro do qual tentamos traçar as grandes linhas, parecerá, talvez, muito intelectual, muito intelectualista. Censurar-nos-ão, talvez, por termos insistido sobre o aspecto racional do Martinismo. Seria fácil responder que este aspecto é o único que se pode expor ou discutir e que além de tudo, a pura mística não se descreve nem se prega, que a exortação, pelo próprio fato de ser formulada, sofre o impacto da razão e, reconhece implicitamente o seu poder.

Dir-se-á que Saint-Martin é um místico. A doutrina Martinista é uma doutrina mística. Certamente, mas seria trair a memória de Saint-Martin, apresentá-lo como um puro discípulo de Madame Guyon.

Balzac critica violentamente certos escritos místicos: “São escritos sem método, sem eloqüência e, sua fraseologia é tão bizarra que se pode ler mil páginas de Madame Guyon, de Swedenborg e, sobretudo de Jacob Böehme sem nada depreender daí. Vós ides saber porque, aos olhos destes crentes, tudo está demonstrado”. (Prefácio do livre *Mystique*. Obras completas, Calmann Levy, XXII, 423). Se essas censuras podem, a rigor, aplicar-se a Jacob Böehme, elas não atingem Saint-Martin. Os impulsos do Homem de Desejo repousam sobre as considerações filosóficas *Dos Erros e da Verdade*, ou do *Tableau Naturel*. (¹⁰⁵)

¹⁰³ - Erreurs, 1782, pág. 37, 38.

¹⁰⁴ - Carta ao Sr. Herbot.

¹⁰⁵ - Que Balzac, na época, Martinista fevoroso, evita citar.

É preciso nos entendermos sobre a expressão mística. A palavra mística, como a hindu yoga, serve para designar duas idéias diferentes: por um lado, união com Deus, a vida que os cristãos chamam *unitiva*, de outra parte, um caminho, um método, uma técnica (às vezes, muito próxima do plano físico como na Hatha Yoga) que conduzem a essa união. De um lado a meta, de outro os meios para atingi-la. ⁽¹⁰⁶⁾ Para retomar a terminologia Martinista, diferenciamos: a Reintegração e o Caminho Interior que conduz a ela. No esboço do caminho para Deus, podem figurar aspectos racionais que não terão mais vez na existência do homem reintegrado. Quanto à ascese, quanto a essa preparação moral à vida unitiva, ela ocupa lugar no quadro dos elementos racionais. Ainda melhor, apoia-se neles. Convém, pois, tratar dos mesmos em primeiro lugar.

Encontraremos em Saint-Martin, a idéia de Deus *sensível ao coração*. Mas, esta relação, apenas constitui mais seguidamente, um ideal ou fruto do amor e seu coroamento. O conhecimento de Deus, corolário do conhecimento do homem, pode também ser adquirido através do caminho intelectual. *“No que se refere às duas portas, o Coração e o Espírito, creio, escreve o filósofo, que a primeira é muito mais preferível do que a outra, sobretudo, quando se tem a felicidade de participar dela. Mas ela não deve ser, absolutamente exclusiva, principalmente quando é necessário falar a pessoas que só possuem a porta do Espírito apenas entreaberta, e é preciso ser muito escrupuloso sobre esse ensinamento, até que surja a luz”.* ⁽¹⁰⁷⁾

O método é, em ambos os casos, de inspiração idêntica. É no homem que encontramos Deus. Mas enquanto a descoberta mística se revela estritamente pessoal e às vezes infrutífera, o procedimento racional reverte-se de um valor universal. O Tableau Naturel, por exemplo, mostrará que o exame do espírito, a formação das idéias, em uma palavra, que a psicologia supõe Deus. ⁽¹⁰⁸⁾ Descobrir-se-á, assim, um novo elemento a integrar-se na dialética Martinista e que justificará o empréstimo da senda interior.

Por mais inesperada que pareça essa aproximação, o iluminismo de Saint-Martin se acha bem caracterizado pelas observações de um Maurice Blondel. O que é mística? Interroga esta autor, e responde: *“A mística não nos conduz para o que é obscuridade e iluminismo, para o que é subliminal ou supraliminal, para um jogo de perspectiva subjetiva, mas para um modo determinado positivamente e metodicamente determinável da vida espiritual e da luz interior, isto quer dizer que ela implica no emprego prévio e concomitante de disposições intelectuais e inteligentes, um querer muito consciente e muito pessoal, uma ascese moral segundo graduações observáveis e reguláveis”.* ⁽¹⁰⁹⁾

Reprovamos, como Maurice Blondel, esse falso iluminismo. O próprio Saint-Martin, denunciou-o, vigorosamente em Ecce Homo. E nós o reprovamos porque ele está em contradição com o verdadeiro iluminismo, do qual, o Martinismo representa o tipo acabado. Uma palavra não deve lançar o descrédito sobre uma doutrina que ela não designa senão por confusão. *“Em geral, olham-me como um iluminado, dizia Saint-Martin, sem que o mundo saiba, todavia, o que se deve entender por essa palavra”.* ⁽¹¹⁰⁾

¹⁰⁶ - *“O Yoga é o conjunto de processos físicos, mentais e espirituais que tem por finalidade, a transformação profunda do Ser humano, o despertar nele do Homem Novo que, em estado normal é transcendental e inacessível”.* (J. Marquès-Rivière: Le Yoga Tantrique, pág. 16, Paris, 1937). Poderíamos fornecer uma definição mais detalhada da mística Martinista do que o despertar do Homem Novo?

¹⁰⁷ - Carta a Willermoz, 3 de fev. de 1784. Papis, pág. 170.

¹⁰⁸ - Tableau Naturel, pág. 8, 9, 10 e 11.

¹⁰⁹ - Cahiers de la Nouvelle Journée *“O que é a mística”* (Bloud e Gay, editores), pág. 19.

¹¹⁰ - Portrait n° 743, pág. 97.

J. de Maistre observará, também, nos seus Soirées de Saint-Petersbourg, ⁽¹¹¹⁾ até que ponto esse nome foi desviado de seu verdadeiro significado.

“Chamam de iluminados a delinqüentes que ousaram, hoje, conceber e mesmo organizar na Alemanha a mais criminosa associação, medonho projeto de extinguir o Cristianismo e a Monarquia na Europa. ⁽¹¹²⁾ Dá-se esse mesmo nome ao discípulo virtuoso de Saint-Martin, que não professa somente o Cristianismo, mas que trabalha para elevar-se às mais sublimes alturas dessa lei Divina”.

O iluminismo é, em resumo, o sistema, a maneira de agir do espírito, que oferece a salvação na iluminação. Mas que o iluminismo pressupõe essa iluminação, nada de menos seguro. Sem dúvida, Deus poderá manifestar-se, precocemente e sem preparação. A certeza será manifestada, e mais do que a certeza de uma doutrina, a meta será alcançada. Mas, Saint-Martin possui a mais fiel e a mais exata imagem do homem. Nós o vimos extrair dessa percepção aguda da essência humana seus mais fortes argumentos. A busca de Deus, o caminho para a reintegração; ele admite que nós possuímos a sua chave para uma revelação imediata. É preciso procurá-la, pedi-la, solicitá-la. É por meio dessa finalidade, para responder a essa necessidade racional que erguer-se-á hostil senão a satisfizemos, que o Martinismo usa uma dialética. Saint-Martin declara que o maior erro do homem seria desinteressar-se pela verdade, e também de julgá-la inacessível.

“Tu não me buscarás se tu já não tiveres me encontrado”, disse Pascal. E Santo Agostinho, demonstrava que à base do pedido de graça havia já uma graça que permitia formular a oração. Mas qualquer que seja a gratuidade da salvação, da Reintegração, não permanece menos, no início, um movimento voluntário. O Martinismo não desconhece a vontade mesmo quando ela procura identificar-se com a vontade de Deus. Porque é lá que encontra sua plena expansão. No primeiro passo que conduz ao Caminho, o Homem deve contribuir com o seu esforço. E como não age sem razão e sem motivação, cabe à dialética Martinista, lhe indicar a estrela que o conduzirá até Deus, seu Princípio.

Feliz daquele que verá a iluminação esclarecer a conclusão racional com os raios da certeza. Estará próximo da meta. A dialética terá conduzido à mística, pois terá revelado o homem a si mesmo.

“Nosso ser, sendo central, deve encontrar no centro onde estão todos os socorros necessários à sua existência”. ⁽¹¹³⁾ Que ele aí se encontre com o segredo de seu destino e da sua origem, com os meios de realizar um, retornando à outra. Tal é o grande ensinamento do Martinismo.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

O leitor desejoso de conhecer a produção literária relativa ao Martinismo, poderá dirigir-se às notas críticas do Sr. Van Rijnberk, no seu estudo sobre Martinez de Pasqually ⁽¹¹⁴⁾ e, sobretudo, à bibliografia publicada pelo Sr. de Chateaurhin.⁽¹¹⁵⁾

Esta última obra fornece a lista das principais edições de Martinez e de Saint-Martin, assim como os livros dedicados, total ou parcialmente ao Martinismo. Sem denunciar, aqui, algumas lacunas inevitáveis, num trabalho desse teor, nós nos limitaremos a lembrar a existência dos seguintes

¹¹¹ - Soirées, XI Palestra (II, 165).

¹¹² - Esta organização é a dos Iluminados da Baviera, discípulos de Jean Weishaupt. (R.A.).

¹¹³ - Correspondência, pág. 15.

¹¹⁴ - G. Rijnberk: Um thaumaturge au XVIIIe. siècle: Martinez de Pasqually, sa vie, sa oeuvre, son ordre. Tomos I e II. Lyon, Derain-Raclet, 1938.

¹¹⁵ - G. de Chateaurhin: Bibliografie du Martinisme, Lyon, Drain-Raclet, 1939.

títulos que trazem uma contribuição interessante à história ou à doutrina Martinista e que não figuram na relação do Sr. Chateaurhin:

- AMNEKIN (R.).Le Martinisme, Paris, 1946.
- ANGELUS (J.)Angelus, Silesius und Saint-Martin, Berlin, 1849.
- ARSON (Chevalier P.J.)Appel à l'humanité, Paris, 1818.
- BERTAUT (Philippe)Balzac et la religion, Paris, 1942 - Um inédito de Balzac: Traité de la prière, Paris, 1942.
- BARBEY D'AUREVILLY. Les Oeuvres et les hommes, 1ª parte, pág. 92, Paris, 1860.
- BIDA (Constantin). La croyance à la magie au XVIII^e siècle, pág. 124, Paris, 1925.
- BIGRAPHIE DIDOT. Tomo 43, col. 62 e ss.
- BIOGRAPHIE UNIVERSELLE. . (Michaud, 1825), t. 50, pág. 19 (Reprodução resumida da informação de Gence).
- BRIEU (J.). Artigos em Mercure de France entre 1890 e 1919.
- BUCHE (Joseph). L'École mystique de Lyon, 1776, 1847. Paris, 1935.
- CANTU (César). Les hérétiques d'Italie. Paris, 1870 (tomo 5).
- CATALOGUE Des livres rares ou précieux du cabinet de feu M. de Saint-Martin, Paris, 1806 (B.N., D. 349380).
- CAZOTTE (J.). Oeuvres badines et morales, historiques et philosophiques. Paris, 1817. T. 1, pp. 14 a 20.
- CHARPENTIER (John). Le Maître du Secret. Paris, s.d.
- CUSTINE (Marquês de). Cartas inéditas ao Marquês de la Grange, publicadas por Comte de luppe. Paris, 1925.
- CZERNY (Sigmund). L'Esthétique de L. C. de Saint-Martin. Leopold (Polônia), 1920.
- DAMIRON (Ph.). Histoire de La Philosophie en France au XIX^e siècle. Paris, (vol. 1, pág. 342).
- DELEUZE. Histoire critique du Magnétisme animal (um capítulo consagrado à doutrina dos "Teósofos").
- DERMENGHEM (Emile). Joseph de Maistre mystique. Paris, 1923.
- FAVRE (François). Documentos maçônicos. Paris, 1866 (apêndice sobre Saint-Martin, p. 426).
- FERRAZ (M.). Histoire de La Philosophie pendant la Révolution. Paris, 1889, (conf. III parte, ch. 2, pág. 332 a 5).
- FRANCK (Ad.). Notice sur Martinez de Pasqually, pág. 1045. Notice sur Saint-Martin, p. 1809, no Dictionnaire des sciences philosophiques. Paris 1875. Artigos no Journal de Savants 1880, pág. 246/269.
- GÉRANDO. Uma conversa com Saint-Martin sobre os espetáculos (nos Archives Littéraires de L'Europe, 1804, t 1, pág. 337. O artigo está assinado J. M. D.. Segundo Gence. Informação, pág. 14, o autor não é outro senão o filósofo Gerando).
- GOYAU (Georges). La pensée religieuse de J. de Maistre. Paris (conf. pág. 51 a 71).
- GRÉGOIRE (anc. év. Blois). Histoire des sectes religieuses. 2 vols. Paris 1810 (conf. Vol. 1, pág. 400, o capítulo intitulado: Illuminés Martinistes).
- GRILLOT DE GIVRY. Anthologie de l'occultisme. Paris, 1929. Extratos comentados de Saint-Martin, p. 369.
- GROSCLAUDE (Pierre). La vie intellectuelle à Lyon dans le deuxième moitié du XVIII^e siècle.
- GUTTINGUER (Uhirich). Philosophie religieuse 1er. vol. Saint-Martin. Paris 1835 (Extratos favoravelmente comentados pelo autor que era católico).
- JOUBERT (Joseph). Pensées (conf. n°788 da V ed. Giraud.).
- LAVISSE (Ernest). Histoire de France. Tomo IX, 1ª parte, pág. 299.
- LE FRANCK (François). Conjuration contre la religion catholique et le souverain, Paris,

- 1792 (anônimo). Conf. capítulo VIII: Des Martinistes, pág. 329.
- LUCHET (M. de). Essai sur la secte des Illuminés. Paris, 1789 (citado somente a título de contra indicação.
- MAGASIN PITTORESQUE. Artigos sobre pensamentos de Saint-Martin em fascículos espaçados de X a XVI.
- MARGERIE. Le Comte Joseph de Maistre (sobre Saint-Martin conf. pág. 429 a 442).
- MATTER (M.). Artigos sobre Mme. de Boecklin na “Revue d’Alsace”, nov. 1860 e abril 1861 (reprodução no “Des Nombres”, ed. Schauer, 1861.
- MERCURE DE FRANCE. Conf. nº 408 de 18 de março de 1809, pág. 499 e ss. (Saint-Martin morre sem querer receber um padre católico). Ver. s.v. “Brieu” no presente suplemento.
- MIRABEAU (H.G.Cte. de). De la monarchie prussienne sous Frédéric le Grand. Paris 1788 (Conf. tomo V: Les Sociétés Secrètes en Allemagne).
- MOUNIER (J.J.). De l’influence attribuée aux philosophes aux francs-maçons et aux illuminés sur la Revolution française. Tubinguen, 1801, pág. 151: le Martinisme.
- NUOVA ENCICLOPEDIA ITALIANA. Vol. XIX, pág. 1040.
- NOUVELLE ENCYCLOPÉDIE DU XIX SIÈCLE. Conf. S.V. “Martinisme” e “Erreurs (des.)”.
- OBERKIRCH (H.-L.Waldner Freudstein, Barão de). Mémoires publiés par le Comte de Montbrisson, Paris, 1853, (Conf. t. II, pág. 102 ss.).
- OBSERVATIONS sur la Franc-Maçonnerie, le Martinisme. Avignon, 1786 (anônimo).
- ORLIAC (Jeanne d’). Pequeno artigo na Revue Hebdomadaire. Plon, ed.
- PAILLETTE (Clément de) Livres d’hier et d’autrefois. Paris, 1896 (principalmente pág. 269, 284, etc.).
- REAL ENCYKLOPAEDIE fur Protestant Theologie. Tomo 13 pág. 259.
- PENNY (E.B.). The Ministry of the Man Spirit. London, 1864. Correspondência Seleta. London 1863.
- PEZZANI (André). La pluralité des existences de l’âme. Paris, 1863.
- RENEVILLE (A.Rolland de) A propos du Martinisme (na Revista La Nef, abril, 1945, nº 5, pág. 140).
- REVIÈRE (Jacqueline). J. de Maistre et le Philosophe Inconnu (artigo aparecido na Les Veilles de Chaumieres).
- ROBINSON (John). Preuves de conspiration contre toutes les religions et tous les gouvernements de l’Europe. Londres, 1798-1799. (Martinisme, vol. I. pág. 59 e ss).
- SAINT-RENÉ-TRAILLANDIER. Charles de Hesse et les Illuminés (na Revue des Deux-Mondes, 15 fev. 1866, pág. 891 e ss).
- SALLERON (Paul). Louis Claude de Saint-Martin, le Philosophe Inconnu - (na Chronique de Paris, nº 9 Julho de 1944.
- SWETCHINE (Mme). Cartas - assim mas principalmente t.I, pág. 172; t. III pág. 97.
- TOURLET. Notice historique sur les principaux ouvrages du Philosophe Inconnu et sur leur auteur L.Cl. de Saint-Martin. Paris, s.d. (1807).
- WIRTH (Oswald). Le livre de l’apprenti. Paris 1908 (sem o nome do autor). Conf.

pág. 56: Saint-Martin, autor da divisa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

WOLF (Maurice). L'occultisme à l'Académie (no "Le Figaro" nº 12 de Fevereiro de 1927).

ÍNDICE

Advertência	2
O que é o Martinismo	3
CAPÍTULO I	
Louis Claude de Saint-Martin e o Martinismo	4
Quadro Cronológico da vida e dos escritos de Louis Claude de Saint-Martin.	5
CAPÍTULO II	
Louis Claude de Saint-Martin e seus Mestres	10
CAPÍTULO III	
Existência Histórica da Ordem Martinista	15
CAPÍTULO IV	
O Espírito da Ordem Martinista	18
CAPÍTULO V	
A Doutrina Martinista: Método e Dialética	21
NOTA BIBLIOGRÁFICA	30

FIM